



**ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: VETOR DE
EMANCIPAÇÃO PARA MULHERES JOVENS EM
CABO VERDE**

Eliane Adelaide Oliveira Fortes

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Bragança para obtenção do
Grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas

Orientada por

Prof. Doutora Bernadete de Lourdes Bittencourt

Versão Provisória

Não inclui correções ou alterações sugeridas pelo Júri.

Bragança, outubro de 2025



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

**ASSOCIAÇÃO DE POLITÉCNICOS DO NORTE (APNOR)
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO: VETOR DE
EMANCIPAÇÃO PARA MULHERES JOVENS EM
CABO VERDE**

Eliane Adelaide Oliveira Fortes

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Bragança para obtenção do
Grau de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas

Orientada por

Prof. Doutora Bernadete de Lourdes Bittencourt

Bragança, outubro de 2025

Resumo

O empreendedorismo feminino tem demonstrado um crescimento constante e significativo em escala global, desempenhando um papel fundamental no fortalecimento dos rendimentos familiares e no estímulo ao crescimento das economias em nível nacional e local. As mulheres jovens, empresárias, desempenham um papel fundamental na redução da pobreza local. Seus empreendimentos não apenas impulsionam o desenvolvimento local, mas também promovem a inclusão social e empoderam comunidades de maneira significativa. Não obstante, as mulheres jovens empreendedoras enfrentam uma série de desafios, que vão desde restrições de tempo até obstáculos de natureza humana, física e social, que, por vezes, limitam sua capacidade de expandir seus negócios.

Esta dissertação tem o objetivo de analisar o empreendedorismo feminino em Cabo Verde enquanto ferramenta ao empoderamento das mulheres jovens. Voltando-se para a realidade de Cabo Verde, questiona-se como o empreendedorismo feminino jovem pode colaborar no desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde? Para atender o objetivo central, o estudo apresenta os eixos conceptuais sobre o empreendedorismo, as mulheres jovens empreendedoras e orientação para o desenvolvimento socioeconómico local; as políticas de fomento ao empreendedorismo em Cabo Verde.

Para a investigação usou-se a metodologia qualitativa, fundamentada em estudo de caso com base na análise de conteúdo, em que se fez uma exploração das perspetivas, questões e desafios que as mulheres jovens costumam enfrentar para se tornarem empreendedoras em Cabo Verde. Compôs-se o estudo de caso a partir de dezasseis entrevistas semiestruturada realizadas com jovens empreendedoras, na Ilha de São Vicente, em Cabo verde. Aplicou-se as entrevistas no período de 01/06/2023 a 30/06/2023. A partir da análise dos dados, tendo em consideração as experiências e interpretações das mulheres jovens empreendedoras, revelou-se entre os resultados, que as mulheres empreendedoras constroem diferentes significados de situações individuais e diferentes identidades, como seus diversos papéis, atividades e influências dentro de seus negócios com base em como percebem a realidade de onde vivem.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino, Jovem empreendedora, Desenvolvimento socioeconómico local, Cabo Verde.

Abstract

Female entrepreneurship has demonstrated constant and significant growth on a global scale, playing a fundamental role in strengthening family incomes and stimulating the growth of economies at national and local levels. Young women entrepreneurs play a fundamental role in reducing local poverty. Their ventures not only boost local development but also promote social inclusion and empower communities in a meaningful way. However, young women entrepreneurs face a series of challenges, ranging from time constraints to human, physical and social obstacles, which sometimes limit their ability to expand their businesses.

This dissertation aims to analyze female entrepreneurship in Cape Verde as a tool for the empowerment of young women. Turning to the reality of Cape Verde, the question is how young female entrepreneurship can contribute to Cape Verde's socioeconomic development. To meet the central objective, the study presents the conceptual axes on entrepreneurship, young women entrepreneurs and guidance for local socioeconomic development; policies to promote entrepreneurship in Cape Verde.

For the investigation, qualitative methodology was used, based on a case study based on content analysis, which explored the perspectives, issues and challenges that young women usually face in becoming entrepreneurs in Cape Verde. The case study was composed from a semi-structured interview carried out with young entrepreneurs, on the Island of São Vicente, in Cape Verde. The interviews were carried out from 06/01/2023 to 06/30/2023. From the data analysis, considering the experiences and interpretations of young women entrepreneurs, it was revealed among the results that women entrepreneurs construct different meanings of individual situations and different identities, such as their different roles, activities and influences within their business based on how they perceive the reality of where they live.

Keywords: Female entrepreneurship, young entrepreneur, Local socioeconomic development, Cape Verde

Dedicatória

Dedicada aos meus queridos pais que sempre me apoiaram.

Agradecimentos

Ao longo da execução desta dissertação, diversas pessoas, de maneira direta ou indireta, desempenharam um papel fundamental para que ela se tornasse uma realidade. Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas aquelas que contribuíram.

Primeiramente, desejo manifestar a minha sincera apreciação à Professora Doutora Bernadete de Lourdes Bittencourt, minha orientadora, pela dedicação integral, pelas valiosas sugestões, comentários e o conhecimento que compartilhou. Sem a sua contribuição, este trabalho não teria sido realizado.

Agradeço profundamente às mulheres empreendedoras que gentilmente dedicaram parte de seu tempo para responder às minhas perguntas durante as entrevistas. Seu valioso contributo foi fundamental para o sucesso deste estudo, e por isso, expresse minha mais sincera gratidão.

À minha maravilhosa família, que sempre depositou sua confiança em mim e nos meus projetos, incentivando-me a seguir em frente e a quem devo tudo o que sou.

Por fim agradeço aos meus amigos por todo o apoio, força e coragem que sempre me deram durante pela realização desta dissertação.

Lista de Abreviaturas e/ou Acrónimos

ADBG - African Development Bank Group

AJEC – Associação Juvenil de Estudos e Comunicação

EMP – Empreendedora

GEM – Global Entrepreneurship Monitor

ICIEG – Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

INE – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development

ONG – Organização Não Governamental

PIB – Produto Interno Bruto

PME – Pequena e Média Empresa

WBG – World Bank Group

PRM – País de Rendimento Médio

Índice Geral

Índice Geral	viii
Índice de Figuras	ix
Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico	4
1.1 Empreendedorismo	4
1.1.1 Empreendedorismo em Cabo Verde	8
1.1.2 Mulheres Jovens Empreendedoras	11
1.1.3 Empreendedorismo Feminino Jovem em Cabo Verde.....	18
1.2 Empreendedorismo e Desenvolvimento Socioeconómico Local	23
1.2.1 As Políticas de Fomento ao Empreendedorismo Feminino em Cabo Verde	25
1.2.2 As mulheres jovens empreendedoras e a sua orientação para o desenvolvimento socioeconómico local	28
2. Metodologia	30
2.1 Pressuposto de investigação	32
2.2 Recolha e Tratamento dos dados	34
3. Estudo de Caso	37
3.1 Mulheres jovens empreendedoras em Cabo Verde.....	37
3.2 Discussão e interpretação dos dados	40
3.3 Análise crítica dos resultados	43
Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação	47
Referências Bibliográficas	51
Anexos	58
Anexo A Guião da Entrevista.....	58
Anexo B Tabela Recolha de dados	64

Índice de Figuras

Figura 1: Mapa de Cabo Verde	9
Figura 2: Noticias sobre empreendimentos feminino.....	16
Figura 3: Estrutura do guião das entrevistas.....	35

Introdução

O empoderamento económico das mulheres jovens constitui uma pedra angular da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, assumindo-se como um imperativo global para o crescimento equitativo (Elam et al., 2021). No entanto, este objetivo esbarra em realidades continentais complexas. De acordo com o Relatório do African Development Bank Group (ADBG, 2022), *Empowering women's businesses in transition contexts in Africa*, estas continuam em desvantagem face aos homens, tanto na proporção de empresárias proprietárias como no acesso a recursos financeiros e na dimensão dos negócios que detêm (ADBG, 2022). Esta disparidade, contudo, ofusca uma realidade dinâmica: as mulheres africanas são, frequentemente, forças motrizes de resiliência económica, capazes de gerir negócios relevantes que produzem impactos positivos na sociedade, mesmo enfrentando uma miríade de obstáculos para iniciar e sustentar as suas atividades empreendedoras (Ebewo, Schultz & Mmako, 2024; Ogundana, 2022; Ogundana et al., 2021).

Neste contexto africano amplo, Cabo Verde emerge como um caso particularmente relevante para estudo. A realidade socioeconómica do arquipélago confere uma urgência singular à temática: cerca de 48% dos agregados familiares são chefiados por mulheres (World Bank Group, 2023). Contudo,

esta responsabilidade não se traduz, necessariamente, em prosperidade. As famílias sob liderança feminina apresentam uma taxa de pobreza significativamente mais elevada (33%) face às chefiadas por homens (21%), uma disparidade ainda mais acentuada nas zonas rurais (World Bank Group, 2023). Este cenário é agravado por um mercado de trabalho caracterizado por taxas de desemprego superiores entre as mulheres e pela sua sobrerrepresentação em atividades informais, frequentemente marcadas pela desvalorização social, baixa remuneração e precariedade (Hill, Ionescu-Somers & Coduras, 2025; ICIEG, 2024; Ogundana, 2022; Ogundana et al., 2021). É precisamente neste terreno desafiante que o empreendedorismo surge não apenas como uma estratégia de subsistência, mas como um potencial veículo de transformação (Ebewo, Schultz & Mmako, 2024; OECD, 2021, 2023; Ogundana et al., 2021; Carranza, Dhakal & Love, 2018).

Partindo desta premissa, o presente estudo procura responder à seguinte questão: de que forma pode o empreendedorismo feminino jovem funcionar como um vetor de emancipação e contribuir para o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde? Neste sentido, e tal como referem Carvalho, Vanderlei e Martins (2023), Elam, Hughes & Samsami (2024), Freeman (2014), Gulvira et al., (2024), Ogundana (2022) e Ogundana et al. (2021), o empoderamento feminino constitui um processo de transformação social que possibilita às mulheres o reforço das suas capacidades para progredirem no sistema social em que se inserem, superando lacunas de género persistentes.

Para responder a pergunta de partida, o presente estudo estrutura-se em torno de um objetivo principal, desdobrado em objetivos específicos, que visam decompor e analisar as múltiplas dimensões do problema. Assim, o objetivo principal consiste em analisar o empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde como instrumento de empoderamento e desenvolvimento socioeconómico local. Para a sua consecução, definiram-se os seguintes objetivos específicos: (i) analisar o conceito de empreendedorismo à luz da perspetiva de género, com enfoque no perfil e nas motivações das mulheres jovens empreendedoras; identificar e caracterizar os principais desafios e obstáculos por elas enfrentados no arranque e consolidação dos seus negócios; iii) avaliar o papel e a perceção das políticas de fomento ao empreendedorismo feminino e a sua articulação com o desenvolvimento socioeconómico local.

O empreendedorismo tem ganho crescente destaque devido à sua relevância para o crescimento económico e o seu contributo para a transformação de atitudes e melhoria das condições de vida das populações, fatores-chave para o desenvolvimento sustentável (Feng, Ahmad e Zheng, 2023; Gulvira et al., 2024; Hossain et al., 2025; Rizvi, Qureshi & Ansari, 2024). Nesta lógica, programas direcionados ao empreendedorismo podem ser considerados instrumentos de fomento ao desenvolvimento socioeconómico local, promovendo a criação de negócios, o autoemprego e a inovação. Esta dinâmica ocorre tanto através do lançamento de novas iniciativas empresariais como pela expansão de negócios já existentes, liderados individualmente ou coletivamente, com o intuito de explorar e ampliar oportunidades no tecido económico local (Corrêa et al., 2023; Gulvira et al., 2024; Hossain et al., 2025; OECD, 2021, 2023; Ogundana et al., 2021; Siegrist, 2025).

Esta dissertação estrutura-se em três capítulos fundamentais. O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico, onde se exploram os eixos conceptuais do empreendedorismo, com

particular enfoque no empreendedorismo feminino jovem e na sua relação com o desenvolvimento socioeconómico local, bem como nas políticas públicas de fomento ao setor em cabo Verde. O segundo capítulo detalha a metodologia de investigação adotada, fundamenta numa abordagem qualitativa e na estratégia de estudo de caso, com o propósito de compreender as experiências e percepções das jovens empreendedoras na Ilha de São Vicente. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados do estudo de caso, seguindo-se das conclusões, onde se sintetizam os principais contributos do estudo, as suas limitações e sugestões para investigações futuras.

1. Enquadramento Teórico

Neste capítulo, exploraram-se as definições de empreendedorismo e do perfil empreendedor, abordando igualmente o conceito de como empreender. Seguidamente, analisou-se o cenário do empreendedorismo em Cabo Verde, apresentando uma visão geral do mercado nacional e das oportunidades disponíveis para os empreendedores.

Por fim, centrou-se a análise no empreendedorismo feminino em Cabo Verde, evidenciando, de forma geral, a situação das empreendedoras, tanto no que respeita aos desafios como às oportunidades.

1.1 Empreendedorismo

O empreendedorismo tem vindo a assumir, nas últimas décadas, um papel cada vez mais relevante, sendo hoje amplamente reconhecido como um dos motores do desenvolvimento económico e social (Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hossain et al., 2025; Rizvi et al., 2024). A sua importância não se resume à criação de novos negócios, mas estende-se também ao impacto na geração de empregos, na dinamização da economia e na promoção da inovação (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025; Ogundana et al., 2021; Siegrist, 2025). Num contexto em que os empregos convencionais se tornam

mais escassos e em que o mercado de trabalho se caracteriza por uma crescente instabilidade (World Bank Group, 2023), o empreendedorismo emerge como uma alternativa essencial, encorajando indivíduos e grupos a explorar novas oportunidades e a criar soluções inovadoras para assegurar a sua inserção económica (Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025).

O interesse académico e político em torno do empreendedorismo tem levado a múltiplas abordagens conceptuais (Eberhart, Aldrich & Eisenhardt, 2022). Neste âmbito, Corrêa et al. (2024), Jonsson (2017) Lubinski e Tucker, (2024) defendem que o empreendedorismo pode assumir diferentes formas, desde a criação de um negócio, ao desenvolvimento do autoemprego, passando pela constituição de uma nova empresa ou pelo alargamento de uma já existente, sempre com o intuito de explorar e expandir oportunidades de mercado. Nesta linha, Feng, Ahmad e Zheng (2023) e Bastida (2021), enfatizam que o empreendedorismo não deve ser entendido apenas como a criação de empresas, mas sobretudo como a geração de valor para a sociedade, colocando a inovação no centro do processo de mobilização de recursos e de aproveitamento de oportunidades económicas.

Neste âmbito, de acordo com Lubinski e Tucker (2024) Eberhart, Aldrich e Eisenhardt (2022), investigadores de várias áreas têm observado a expansão do papel do pensamento empreendedor e o seu poder para moldar a sociedade muito para além do papel empresarial. Para estes autores, os seus trabalhos deslocam o foco do empreendedor individual para o discurso do empreendedorismo e os seus efeitos sociais mais amplos. Nesta linha de pensamento, Freeman (2014) defende que o empreendedorismo se está a transformar num modo de trabalho e forma de vida. A autora sustenta que o empreendedorismo se está a tornar não apenas um mecanismo de trabalho independente, mas um veículo para a obtenção de rendimentos ou uma mera questão económica de negócio (ou seja, o empreendedorismo num sentido restrito). Deste modo, este novo entendimento de empreendedorismo conecta as práticas de mercado com a construção da identidade pessoal (Freeman 2014).

Portanto, o empreendedorismo influenciou as esferas sociais muito além do mercado. Nas palavras de Eberhart, Aldrich e Eisenhardt (2022, p. 2), no centro da produção científica está o conceito de empreendedorismo que coloca em primeiro plano a ideia de reinventar as estruturas sociais através da criatividade e da inovação. No entendimento de Jonsson (2017), a sua origem etimológica contribui para esta compreensão. Proveniente da palavra francesa *entreprendre*, que significa empreender, o conceito associa-se diretamente à ideia de assumir riscos e agir em contextos de incerteza (Jonsson, 2017). Importa salientar que este empreendedorismo veste a máscara do individualismo, mas atua como um guião coletivo, sugere o autor. Funciona como um modelo para a ação social, organizando o comportamento coletivo, legitimando normas institucionais e enquadrando escolhas políticas. Esta natureza multifacetada é refletida nas diversas perspetivas da literatura, observa Jonsson (2017).

Eberhart, Aldrich e Eisenhardt (2022) entendem o empreendedorismo como um processo de identificação e exploração de oportunidades por meio da inovação, o que implica a criação de negócios, a organização de recursos e a assunção dos riscos e recompensas inerentes. Drucker

(1987) reforça esta visão ao relacionar o empreendedorismo fundamentalmente com a inovação, defendendo que esta constitui a sua essência. A OECD (2021, 2023) caracteriza-o sobretudo como a predisposição para assumir riscos e iniciar novos negócios. Rindova et al. (2009) e Jonsson (2017), sublinham a dimensão emancipatória do fenómeno, entendendo o fenómeno como um processo transformador dos ambientes económico, social e cultural.

O *Global Entrepreneurship Monitor 2024/2025* acrescenta que o empreendedorismo pode ser compreendido como qualquer tentativa de criar um negócio ou iniciativa, seja por meio do autoemprego, da constituição de uma nova organização ou da expansão de uma já existente, empreendida por indivíduos ou por equipas (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025). Tal definição reforça a natureza abrangente do conceito, que vai para além da lógica estritamente empresarial e evidencia o seu carácter dinâmico, baseado na inovação, na procura de oportunidades e na disposição para assumir riscos (Eberhart, Aldrich & Eisenhardt, 2022; Elam, Hughes & Samsami, 2024).

Com base nestas definições, torna-se evidente que o empreendedorismo constitui um fator determinante para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas (Lubinski & Tucker, 2024; Corrêa et al., 2021). A sua relevância manifesta-se em múltiplas dimensões: para além de possibilitar a introdução de novos produtos e serviços, aumenta a concorrência, fomenta a inovação e promove a melhoria da qualidade da oferta disponível no mercado (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025; Panda, 2018).

Em termos macroeconómicos, este dinamismo traduz-se na criação de riqueza, na dinamização da economia e na geração de postos de trabalho (Eberhart, Aldrich & Eisenhardt, 2022). No entanto, os autores aqui citados alertam que este processo só pode ser consolidado se forem asseguradas condições estruturais adequadas, tais como acesso a financiamento, políticas públicas de apoio e um ambiente institucional favorável (Eberhart, Aldrich & Eisenhardt, 2022; Ebewo, Schultz & Mmako, 2024; Elam, Hughes & Samsami, 2024; OECD, 2021, 2023; Ogundana et al., 2021).

Neste contexto, Mazzucato (2018) propõe um novo paradigma para as políticas de inovação e desenvolvimento económico: políticas de inovação orientados por missões. A autora inspira-se em feitos audaciosos, como colocar um homem na lua, para argumentar que os Estados devem definir objetivos ousados e específicos para resolver os grandes desafios sociais do século XXI. No caso, presente investigação, este quadro conceptual aplica-se à missão de colmatar as necessidades mais premetes do empreendedorismo feminino jovem.

Mazzucato (2018) critica a visão de Estado como um mero corretor de falhas de mercado, limitando-se a criar condições gerais a subsidiar a inovação no setor privado. Na visão da autora, é frequente o Estado assumir os riscos da investigação fundamental, enquanto o setor privado captura os benefícios da inovação resultante. Para superar esta dinâmica a autora defende que o Estado deve se posicionar como agente ativo na criação e formatação de mercados, aliando-se às instituições de ensino superior e profissional, ao setor privado, e as associações empresariais. O objetivo último é fomentar uma cultura empreendedora estratégica, reconhecendo o seu papel crucial não apenas

como uma ferramenta de combate à pobreza, mas como vetor fundamental para o crescimento económico e social sustentável e inclusivo (Mazzucato, 2018).

Por conseguinte, o estudo do empreendedorismo encontra-se indissociavelmente ligado ao perfil do empreendedor (Lubinski & Tucker, 2024). Este é frequentemente descrito como um agente criativo, inovador e resiliente, capaz de identificar oportunidades onde outros veem obstáculos, assumindo riscos e transformando ideias em negócios viáveis (Drucker, 1987; Schumpeter, 1997). As motivações para empreender são variadas, podendo ir da realização pessoal e da autonomia até ao desejo de gerar impacto social (Drucker, 1987). A este respeito, Siegrist (2025) acrescenta que o estudo do comportamento empreendedor tem ganho importância académica, dado o seu papel na compreensão dos mecanismos que impulsionam a criação de novos modelos de negócios e a diversificação das economias.

Para Siegrist (2025) e Eberhart, Aldrich e Eisenhardt (2022), torna-se particularmente relevante distinguir o empreendedorismo por vocação do empreendedorismo por necessidade. O primeiro caracteriza-se por uma motivação intrínseca e por uma predisposição natural para empreender, enquanto o segundo resulta de circunstâncias externas, nas quais os indivíduos recorrem ao empreendedorismo como alternativa de subsistência perante a ausência de oportunidades de emprego. Esta distinção é fundamental, pois evidencia que a qualidade do tecido empreendedor de um país não depende apenas da quantidade de negócios criados, mas sobretudo das motivações e condições em que surgem (Eberhart, Aldrich & Eisenhardt, 2022; Siegrist, 2025).

Neste contexto, Kelley, Bosma e Amorós (2011) no *Global Entrepreneurship Monitor 2010 Global Report* apontavam que a transformação do empreendedorismo por necessidade em empreendedorismo por oportunidade constitui um fator crucial para assegurar impactos económicos mais positivos e sustentáveis. Esta constatação mantém-se atual no *Global Entrepreneurship Monitor 2024/2025*, a partir dos estudos elaborados por Hill, Ionescu-Somers & Codura (2025). Os autores confirmam a persistência de desafios significativos quanto ao modo de empreender por oportunidade. Entre eles destaca-se o aumento do medo do fracasso, que passou de 44% em 2019 para 49% em 2024 entre os indivíduos que reconheciam oportunidades de negócio, mas hesitavam em agir (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025). Acrescem ainda as dificuldades financeiras, as desigualdades de género no acesso a recursos e as incertezas relativamente à integração de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial, que em 36 das 49 economias estudadas foi considerada pouco relevante por mais de 70% dos novos empreendedores (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025).

No entanto, Hill, Ionescu-Somers e Codura (2025) apresentam exemplos de sucesso institucional que ajudam a compreender os caminhos possíveis para um ambiente empreendedor robusto. Os Emirados Árabes Unidos, por exemplo, mantiveram pelo quarto ano consecutivo a liderança no *National Entrepreneurship Context Index (NECI)*, reflexo de um ecossistema sustentado em políticas públicas eficazes, fácil acesso ao financiamento, investimento em educação empreendedora e um ambiente institucional favorável à inovação (Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025). Este caso evidencia que, quando o Estado assume o empreendedorismo como prioridade estratégica

(retomando ao pensamento de Mazzucato, 2018), é possível criar condições que potenciam a iniciativa privada e reduzem barreiras estruturais.

Estas constatações, segundo Hill, Ionescu-Somers e Codura (2025), sugerem que, mesmo em países com condições altamente favoráveis, como os Emirados Árabes Unidos, persistem obstáculos como o medo do fracasso ou a hesitação em adotar plenamente novas tecnologias. Por conseguinte, retomando ao ambiente deste estudo, em contextos com menos recursos institucionais, como Cabo Verde, torna-se ainda mais urgente investir na criação de políticas públicas consistentes, em mecanismos de financiamento acessíveis e em programas de educação empreendedora, conforme orientação de Hill, Ionescu-Somers & Codura (2025) e Mazzucato (2018).

Através dos estudos do *Global Entrepreneurship Monitor*, observa-se uma linha de continuidade no que se refere ao empreendedorismo. Esses estudos reconhecem que a mera criação de negócios não é suficiente para caracterizar uma sociedade como empreendedora (Elam, Hughes & Samsami, 2023). O que se revela determinante é a capacidade de converter iniciativas motivadas pela necessidade em empreendimentos sustentáveis e inovadores, promovendo crescimento económico e impacto social (Elam, Hughes & Samsami, 2024). A análise comparativa entre diferentes contextos nacionais demonstra que o desenvolvimento do empreendedorismo depende não apenas da iniciativa individual, mas sobretudo de condições estruturais e institucionais capazes de apoiar, orientar e fortalecer a ação empreendedora (Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025; Kelley, Bosma & Amorós, 2010).

1.1.1 Empreendedorismo em Cabo Verde

Cabo Verde, oficialmente conhecido como República de Cabo Verde, é um país insular localizado na região do oceano Atlântico, ao largo da costa noroeste da África. O arquipélago é composto por dez ilhas principais e vários ilhéus menores, totalizando uma área de aproximadamente 4 033 quilómetros quadrados. A população estimada é de 520 500 habitantes, distribuída por nove das ilhas (World Bank Group, 2025b). A nação possui uma riqueza histórica e cultura singular, com identidade moldada por influências africanas, europeias e americanas (Estudo CPLP ARES, 2025).

De acordo com dados do Banco Mundial em Cabo Verde (World Bank Group, 2025b), apenas 10% do seu território é arável e os recursos minerais são escassos. Contudo, desde a década de 1990, o país tem feito progressos significativos, impulsionados sobretudo pelo crescimento acelerado do setor turístico, que contribui com cerca de 25% para o seu PIB (World Bank Group, 2025b). A capital, Cidada da Praia, situa-se na ilha de Santiago. Esse estudo, no entanto, dará ênfase especial à ilha de São Vicente, um dos polos de destaque do país.

A economia cabo-verdiana, segundo dados do World Bank Group (2025) encontra-se numa fase de expansão, sustentada principalmente pelo turismo, pelo setor dos serviços e pelas remeças da diáspora. Estima-se que o crescimento de Cabo Verde tenha acelerado para cerca de 7,3% em 2024, alimentado pela robusta atividade turística e pela recuperação gradual na agricultura. Esse dinamismo reflete-se no número de chegadas de turistas, que atingiu um valor estimado de 1,18

Neste contexto, um programa de incubação – IDEA Program, voltado para o fomento ao empreendedorismo foi implementado pelo Banco Mundial em Cabo Verde, focando o setor da economia azul (World Bank Group, 2025b). O IDEA Program é um projeto desenvolvido em conjunto pelo Governo de Cabo Verde e implementado por quatro agências das Nações Unidas: FAO, PNUD, OIM e ONUDI. No âmbito do IDEA Program, os empreendedores cabo-verdianos, atentos às mudanças a nível nacional e internacional, procuram adotar uma nova postura e uma gestão mais eficiente dos recursos disponíveis, com o objetivo de aumentar proativamente o volume de negócios e o valor acrescentado (IDEA, 2023). Assim, desenvolver o espírito empreendedor nos jovens passa por fomentar a capacidade de reconhecer os seus próprios talentos e vocações, de sonhar, aprender e empenhar-se ativamente na construção do seu próprio futuro (Skorupa & Stępień, 2024).

Tendo em conta que Cabo Verde é um país que enfrenta desafios de desenvolvimento, é necessário que as pessoas incultam o espírito empreendedor como forma de promover o crescimento económico e melhorar as suas condições de vida. Neste sentido, é crucial projetar-se para além do Estado e tornar o cidadão um importante fator de criação do emprego e do rendimento através de empreendedorismo (Elam, Hughes & Samsami, 2024, Garcia-Cabrera, Garcia-Soto & Dias-Furtado, 2018, Ogundana, Simba & Liguori, 2021). As hipóteses de se conseguir um emprego formal são cada vez menores, pelo que a solução passa por empreender, encontrando soluções criativas, principalmente em países emergentes como é o caso de Cabo Verde (Dinis, 2024; Elam et al., 2021).

Apesar de ser uma temática amplamente discutida, os estudos sobre empreendedorismo em Cabo Verde continuam escassos (Garcia-Cabrera, Garcia-Soto & Dias-Furtado, 2018). O conceito de empreendedorismo no contexto cabo-verdiano requer uma análise cuidada, que tenha em consideração diversos fatores. Entre estes incluem-se a elevada taxa de desemprego, a necessidade de fortalecer o setor empresarial, a melhoria da economia real, o aumento da competitividade, a crescente preocupação em torno da criação de novas empresas e a alta taxa de mortalidade das empresas já existentes no país (Elumelu, 2019).

Numa linha de raciocínio positiva, ser empreendedor em Cabo Verde é uma jornada desafiadora, mas repleta de oportunidades e potencialidades únicas (Dinis, 2024; World Bank Group, 2024). Este país insular no Oceano Atlântico oferece um ambiente propício para o empreendedorismo, embora apresente desafios peculiares que os empreendedores enfrentam ao tentar criar e expandir os seus negócios (Sarmiento & Silva, 2024; UNCTAD, 2025).

Perante o cenário económico de crises mundiais, que tem afetado significativamente o país, e das sucessivas situações de seca severa que o assolam, o empreendedorismo tornou-se não só uma opção cada vez mais presente, mas também um meio de subsistência para muitos cabo-verdeanos (Dinis, 2024; Elam, Hughes & Samsami, 2024) World Bank Group, 2025). Esta realidade motiva uma análise mais aprofundada das razões que levam à criação de negócios. Partindo da distinção entre empreendedorismo por necessidade e por oportunidade, estabelecida pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (Elam, Hughes & Samsami, 2024), e considerando o peso da economia informal e a excessiva dependência das importações, é possível, *a priori*, definir o empreendedor

cabo-verdiano como empreendedor impulsionado principalmente pela necessidade. Esta conclusão deve-se ao facto de um grande número de pessoas empreender por sobrevivência, sendo este o motivo dominante (Dinis, 2024).

Contudo, uma das características distintivas do empreendedor em Cabo Verde é a forma como alia esta necessidade a uma notável criatividade e inovação. Dada a escassez de recursos naturais, os empreendedores cabo-verdianos frequentemente se voltam para soluções inovadoras em setores como o turismo, tecnologia, energia renovável e agricultura sustentável (Elam, Hughes & Samsami, 2024). São, assim, incentivados a pensar “fora da caixa” para identificar oportunidades que podem beneficiar a economia local e impulsionar o desenvolvimento socioeconómico (Ribeiro, 2023).

Neste contexto, ser empreendedor em Cabo Verde significa lidar com desafios estruturais, tais como carências ao nível das infraestruturas e um acesso limitado a financiamento (Hill, Ionescu-Somers & Coduras). Segundo os autores, muitos empreendedores debatem-se com dificuldades em obter o capital necessário para lançar e expandir os seus negócios. Esta realidade leva a que procurem parcerias criativas e explorem fontes de financiamento alternativas, como investidores locais e organizações de desenvolvimento (Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hill, Ionescu-Somers & Coduras).

Um outro aspeto fundamental da experiência de empreendedorismo cabo-verdiana é o sentido de comunidade e cooperação, segundo Garcia-Cabrera, Garcia-Soto e Dias-Furtado (2018). Dado que a rede empresarial do país é relativamente pequena, os empreendedores frequentemente colaboram com frequência para superar obstáculos comuns. Esta cultura de apoio mútuo revela-se inestimável e desempenha um papel crucial no crescimento e na consolidação dos negócios locais (Garcia-Cabrera, Garcia-Soto & Dias-Furtado, 2018).

Para além dos aspectos económicos e sociais, ser empreendedor em Cabo Verde também envolve uma ligação profunda com a cultura local e um compromisso com o desenvolvimento da comunidade (Lopes, Balsa & Nunes, 2010; Monteiro, 2019). Muitos empreendedores não visam apenas o sucesso pessoal, mas também a prosperidade coletiva, contribuindo ativamente para o progresso do país através da criação de emprego, do incentivo à educação e do desenvolvimento de projetos com impacto social positivo (ONU, 2019).

Para Monteiro (2019), o percurso do empreendedor cabo-verdiano é uma jornada que exige criatividade, resiliência e um espírito de cooperação. Estes empreendedores enfrentam, de facto, desafios únicos, mas detêm igualmente a oportunidade de gerar um impacto positivo nas suas comunidades e de impulsionar o desenvolvimento socioeconómico do arquipélago. Segundo Monteiro (2019), através da inovação, colaboração e de um profundo compromisso com a sua cultura e sociedade, estão a moldar de forma ativa o futuro de Cabo Verde.

1.1.2 Mulheres Jovens Empreendedoras

A literatura sobre empreendedorismo feminino surgiu por volta da década de 1970, uma vez que, no entendimento de Bruni, Gherardi e Poggio (2004), a comunidade académica estava basicamente convencida de que as mulheres e os homens empreendedores eram semelhantes e,

consequentemente, não era necessário um campo de estudo separado. Na visão das autoras, esta hipótese de semelhança manteve-se até ao início deste século, quando o subdomínio do empreendedorismo feminino evoluiu para uma área de investigação independente. Refira-se que, em 1998, a OECD (sigla em inglês) lançou uma conferência de cariz político dedicada às mulheres empreendedoras. Assim, o início do século XXI testemunhou o surgimento de uma relação conjunta entre académicos e políticos para explorar melhor as circunstâncias e as particularidades das mulheres empreendedoras, esclarecem Bruni, Gherardi e Poggio (2004).

Na visão de Bastida (2021), embora o conceito de empreendedorismo feminino possa ser simples de acordo com uma abordagem schumpeteriana, ou seja, mulheres que inovam e assumem riscos ao realizar uma atividade empresarial, os estudiosos envolvidos neste tema têm opiniões diferentes sobre o âmbito do conceito. Deste modo, por um lado, no entendimento de Santos, Marques e Ferreira (2018), os investigadores têm salientado a importância de assumir riscos, pessoas ou financiamento, e de inovar ao realizar atividades empresariais. Neste sentido, as mulheres empreendedoras mobilizam recursos para criar um novo empreendimento e assumem riscos ao tomar esta iniciativa. Por outro lado, os académicos também têm utilizado uma definição ampla para enfatizar o papel do negócio como uma carreira profissional, incluindo assim os proprietários de empresas e os trabalhadores por conta própria no âmbito do empreendedorismo, esclarecem Santos, Marques e Ferreira (2018).

O empreendedorismo é uma fonte fundamental de emprego e de criação de posto de trabalho a nível mundial, esclarece o relatório *Women's Entrepreneurships Development* (ILO, 2023). Embora desempenhe um papel crucial na consecução de trabalho digno e de sociedade sustentáveis, a atividade empreendedora é uma prática marcada pelo género, sendo que as mulheres enfrentam normas de género discriminatórias e barreiras mais significativas do que os homens no acesso aos recursos, competências e apoio necessário para iniciar, manter e expandir um negócio (ILO, 2023).

Hunt e Samman (2016) e Siegrist (2025), registam em seus estudos que as empreendedoras impulsionam o crescimento económico, criando empresas que geram emprego, promovem o desenvolvimento de capital humano e aumentam a participação feminina na população ativa. Na visão de Siegrist (2025), as mulheres empreendedoras contribuem para uma prosperidade mais ampla e para a inovação nas suas comunidades. No entanto, enfrentam desafios consideráveis ao iniciar e expandir os seus negócios (Hunt & Samman, 2016).

Embora os benefícios do empreendedorismo feminino e os constrangimentos enfrentados a nível individual sejam conhecidos em Cabo Verde, sabe-se muito menos sobre quais as intervenções mais eficazes para apoiar as mulheres empreendedoras (ILO, 2023). Compreender o que funciona e o que não funciona é fundamental para conceber programas e políticas de apoio baseados em evidências, sugere os estudos publicados por *Global Entrepreneurship Monitor 2023/2024 e 2024/2025* (Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hill, Ionescu-Somers e Codura, 2025) e os estudos de Siegrist (2025).

Apesar dos estudos aqui apontados, o empreendedorismo feminino permanece um campo relativamente pouco explorado, uma vez que a maioria das investigações existentes privilegia a

análise do empreendedorismo masculino (ILO, 2023). Contudo, o seu impacto é inegável. De acordo com Bastida (2021) e Elam, Hughes e Samsami (2024), as pequenas e médias empresas detidas e lideradas por mulheres contribuem substancialmente para o crescimento económico e para o bem-estar social e ambiental, uma noção sustentada por um conjunto de evidências que continua a crescer.

Esta relevância é particularmente visível em economias em desenvolvimento (ILO, 2023). Estudos elaborado por Elam, Hughes e Samsami (2024) indicam que, nos países de baixo e médio rendimento, 17% das mulheres são empreendedoras e outras 35% aspiram a sê-lo. Este dado significa que mais de metade das mulheres nos países em desenvolvimento são empreendedoras ou aspirantes a empreendedoras, realçando o potencial de crescimento económico e o papel essencial do empreendedorismo para a autonomização económica.

Conforme o relatório *Women's Entrepreneurships Development* (ILO, 2023), o desenvolvimento do empreendedorismo feminino é, assim, um fenómeno crucial. resulta de transformações profundas na configuração financeira das famílias, que têm permitindo uma progressiva, ainda que desafiadora, redução da dependência económica das mulheres. Os estudos de desenvolvimento, em particular as abordagens de género e desenvolvimento, procuram conceptualizar extensivamente a igualdade de género e o empoderamento das mulheres.

Na visão feminista pode-se enquadrar o empoderamento das mulheres como os processos através dos quais elas ganham capacidade para exercer agências nas suas próprias vidas, bem como em relação aos seus agregados familiares, comunidades e sociedades (Freeman, 2014; Hunt & Sammant, 2016; Carvalho, Vanderlei & Martins, 2023). No entendimento de Hunt e Sammant (2016), como tal, o empoderamento tem dimensões individuais e coletivas interligadas que atravessam as esferas económica, política e social. Isto é, o empoderamento das mulheres é um processo de mudança pessoal e social, que ocorre em domínios psicológicos, políticos, sociais e económicos interligados e mutuamente reforçados, e através do qual as mulheres, individual e coletivamente, ganham poder, escolhas significativas e controle sobre suas vidas. Não é um processo linear e incontestável, mas sim uma jornada caracterizada por negociação e compromisso, e resultados incertos, esclarem Hunt e Sammant (2016).

Dentro de uma análise evolutiva, partindo para a contemporaneidade, as mulheres desempenham um papel cada vez mais ativo na vida social, acumulando esse envolvimento com as responsabilidades tradicionalmente associadas à reprodução e ao funcionamento familiar (Carvalho Vanderlei & Martins, 2023). Este novo posicionamento está intrinsecamente relacionado com a atividade económica e com a contribuição para o rendimento familiar, refletindo-se em múltiplas dimensões, designadamente social, económica, cultural e política, na visão de Carvalho, Vanderlei e Martins (2023).

No domínio do empreendedorismo, esta evolução é igualmente visível, ainda que subsistam evidências de discriminação de género. Sucessivos estudos de género, baseados principalmente em relatórios do *Global Entrepreneurship Monitor*, também destacam que mulheres e homens relatam motivos diferentes para iniciar um negócio (Elam, Hughes & Samsami, 2023, 2024). A nível

global, as mulheres têm maior probabilidade de serem impulsionadas pela necessidade do que os homens, embora esta diferença desapareça gradualmente à medida que as economias se desenvolvem (Bastida, 2021). Assim, o empreendedorismo feminino pode ser entendido como um movimento em expansão à escala global, resultante tanto do reforço dos direitos das mulheres como da procura contínua pela igualdade entre homens e mulheres (Bruni, Gherardi e Poggio, 2004; Bastida, 2021).

Tal realidade acarreta, para além da diversidade, uma rutura de padrões e uma renovação no panorama empresarial. Desde a década de 1980, tem-se verificado, a nível global, um aumento expressivo da atividade empreendedora desenvolvida por mulheres, o que tem despertado o interesse da comunidade científica e permitido concluir tratar-se de um fenómeno sustentável, e não de uma tendência passageira (Bruni, Gherardi e Poggio, 2004). Esta evidência relaciona-se com a disponibilidade de emprego, uma vez que o empreendedorismo é a principal opção para obter rendimento quando não há emprego ou outras alternativas disponíveis. Além disso, Elam, Hughes e Samsami (2023, 2024) também mostram que as mulheres estão mais envolvidas nos setores de consumo e retalho, mas estão sub-representadas na indústria transformadora e na construção. Entetanto, os negócios das mulheres tendem a ser mais pequenos e com menores expectativas de crescimento do que os dos detidos por homens. Consequentemente, as mulheres auferem menos rendimentos com a atividade empresarial, esclarem Elam, Hughes e Samsami (2024).

Neste âmbito, corrobora o estudo de Ebewo, Schultz e Mmako (2025) que revela que, na África do Sul, fatores como mentoria, educação, políticas públicas de apoio, redes de colaboração e programas governamentais são essenciais para capacitar as mulheres empreendedoras. No entanto, barreiras significativas como exclusão financeira, normas sociais restritivas, políticas ineficazes e limitações psicológicas, como baixa autoeficácia empreendedora, persistem. Esses fatores são analisados através da Teoria Institucional, que categoriza o ambiente institucional em três pilares: regulatório, normativo e cultural-cognitivo. A interação entre esses pilares influencia diretamente as experiências empreendedoras das mulheres, na visão de Ebewo, Schultz e Mmako (2025).

Em Cabo Verde, embora o contexto seja distinto, desafios semelhantes são enfrentados pelas mulheres jovens empreendedoras (Dinis, 2024). A falta de acesso a financiamento, normas culturais que limitam o papel da mulher na sociedade e estruturas institucionais que não atendem às necessidades específicas das mulheres são obstáculos comuns no continente africano quando o assunto é o empreendedorismo feminino, sobretudo no contexto jovem (Ogundana, 2022; ILO, 2023; Simba et al., 2023). Assim como na África do Sul, é crucial alinhar o apoio institucional nos três pilares mencionados para criar um ecossistema empreendedor mais inclusivo e eficaz. Portanto, a análise dos fatores que contribuem e restringem o empreendedorismo feminino na África do Sul oferece *insights* valiosos para compreender e abordar os desafios enfrentados pelas mulheres jovens em Cabo Verde (Dinis, 2024; Simba et al., 2023). Estratégias que promovam a capacitação, o acesso a recursos e a transformação das normas sociais podem ser adaptadas e implementadas

para fomentar a emancipação através do empreendedorismo feminino em Cabo Verde (Ogundana, 2022; ILO, 2023; Simba et al., 2023).

De acordo com Carvalho, Vanderlei e Martins (2023) e outros estudos (Freeman, 2014; Simba et al. 2023) o empreendedorismo feminino é encarado como um ato emancipatório da criação de mudança. Atualmente, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e no mundo do empreendedorismo é uma realidade que se verifica também em Cabo Verde (ILO, 2023). Este fenómeno tem vindo a ser cada vez mais destacado por entidades públicas e privadas, através de políticas que incentivam especificamente o empreendedorismo feminino (Siegrist, 2025).

Um exemplo deste incentivo é a disponibilização de meios de financiamento e de apoio a mulheres com projetos empreendedores, com o objetivo de dar seguimento ao desenvolvimento dos seus negócios. Esta orientação está alinhada com as conclusões do relatório “Beijing +30”, elaborado pelo Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género (ICIEG) - a entidade pública responsável, em conjunto com a sua supervisão ministerial, o Ministério da Família, Inclusão e Desenvolvimento Social, pelas políticas públicas de género (ICIEG, 2024).

Neste contexto, algumas iniciativas têm vindo a ser implementado pelo Governo de Estado, nomeadamente a criação, em 2024, do *Banco Jovem e Mulher*. Esta iniciativa visa facilitar e acelerar o acesso ao crédito e ao empreendedorismo para jovens e mulheres (conforme indicado na Fig. 2, mais à frente). Trata-se de uma plataforma totalmente digital, concebida para simplificar todo o processo de financiamento, desde a candidatura até à aprovação e acompanhamento do crédito, reduzindo significativamente a burocracia. O banco funcionará em articulação com instituições financeiras já existentes, aproveitando a sua estrutura, cabendo ao Estado atuar como garante dos créditos, minimizando os riscos para os bancos, segundo Ulisses Correia e Silva, Primeiro-Ministro, em entrevista ao jornal *Expresso das Ilhas*, em 20 de junho de 2024. (Figura 2, mais à frente).

A ideia do projeto é fazer com que as mulheres jovens com interesse ao empreendedorismo possam criar empresas, autoemprego e rendimento, de modo mais fácil de financiamento (menos burocracia), através de uma fiscalidade também mais favorável do que seria fora deste quadro do programa (Ulisses Correia e Silva, Primeiro-Ministro, em entrevista ao jornal *Expresso das Ilhas*, em 20 de junho de 2024).

Por conseguinte, os empréstimos disponibilizados terão montantes entre 150 mil e 5 milhões de escudos, com uma taxa de juro anual até 5,5%, um período de carência de até seis meses e prazos de reembolso que podem ir até 60 meses, incluindo o tempo de carência. O financiamento pode cobrir até 95% do valor do projeto, sendo os restantes 5% assegurados pelo próprio empreendedor (*Expresso das Ilhas*, em 20 de junho de 2024).

Esta medida integra-se numa política mais ampla de promoção do empreendedorismo e da inclusão económica. Surge num contexto em que, segundo dados divulgados, até março de 2025 já tinham sido aprovados cerca de 1.680 créditos, dos quais 85% beneficiaram projetos liderados por mulheres. Estes projetos estão predominantemente nas áreas do comércio, serviços, agroindústria e estética (*Expresso das Ilhas*, em 20 de junho de 2024).



Figura 2: Notícias sobre empreendimentos feminino
 Fontes: (Expresso das Ilhas, 2024; Proempresa, 2024; Ribeiro, 2021)

Neste contexto, o Relatório *Creating a conducive environment for women's entrepreneurship development: Taking stock of ILO efforts and looking ahead in a changing world of work* (ILO, 2023), apresenta o projeto piloto “Balcão Único do JovEmprego no Mercado do Sucupira”. Assim, o projeto *Jov@Emprego em Cabo Verde*, surge financiado pelo Governo do Luxemburgo em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), denominando-se como a iniciativa Sucupira50. Esta iniciativa-piloto tem como objetivo apoiar o crescimento e a formalização dos negócios de 50 empresárias de baixo rendimento do mercado informal da Praia, conhecido como ‘Sucupira’ (ILO, 2023).

O projeto visa reforçar as capacidades destas mulheres empresárias, integrando-as no mercado formal através de formação, apoio técnico e incentivo à estruturação de seus negócios. A

intervenção focou-se especificamente no fortalecimento destas empresas informais, oferecendo orientações para consolidarem as suas atividades e promoverem o seu desenvolvimento económico (ILO, 2023). Esta iniciativa ilustra como, progressivamente, as mulheres têm vindo a conquistar maior espaço no mercado de trabalho cabo-verdiano, com o apoio de medidas promovidas pelo Estado, conforme foi ilustrado na Figura 2.

Outra referência feita anteriormente na Figura 2, uma reportagem do *Expresso das Ilhas*, publicada a 21 de novembro de 2021, de autoria de Ribeiro (2021), destaca o crescente protagonismo das mulheres no empreendedorismo cabo-verdiano, traçando as trajetórias de Cleusa Delgado e Zeila Tavares.

Cleusa Delgado, após se formar em sistemas fotovoltaicos no CERMI, fundou a empresa de energia solar Eletrosol em 2018. A empreendedora enfrentou inicialmente ceticismo por liderar um negócio num setor dominado por homens, o que a levou a integrar sócios homens na equipa (Ribeiro, 2021).

Paralelamente, Zeila criou a Tavares Laboratórios na Boa Vista, especializado em testes PCR e outros serviços laboratoriais. O seu empreendimento reduziu significativamente o tempo de espera por resultados, de meses para dias, demonstrando uma clara capacidade de identificar e responder a necessidades locais prementes (Ribeiro, 2021).

Ambas as empreendedoras relataram desafios estruturais comuns, nomeadamente a dificuldade em acender a materiais e financiamentos, apesar de atuarem em setores estratégicos, como a energia renovável e a saúde. Zélia salienta ainda a dupla jornada de trabalho das mulheres, que conciliam responsabilidades familiares e empresariais, e a resistência de alguns colaboradores masculinos em aceitar orientações de uma mulher (Ribeiro, 2021).

Apesar dos obstáculos, ambas mantêm uma postura otimistas quanto ao impacto social e económico dos seus negócios em Cabo Verde. Como fatores críticos para fortalecer o empreendedorismo feminino, e apontam a necessidade de apoio técnico especializado, acesso facilitado ao crédito e uma evolução cultural no arquipélago (Ribeiro, 2021).

Estes relatos confirmam a observação de Elam et al. (2021) e os estudos publicados pela OECD (2021, 2024), que destacam a evolução do papel da mulher no mercado de trabalho. Desde o início da década de 2000, tem-se assistido a um crescimento significativo de empreendimentos liderados por mulheres (Ogundana et al., 2021). No entanto, a maioria dos dados disponíveis continue a estar maioritariamente relacionada aos negócios liderados por homens esclarecem Elam, Hughes e Samsami (2024).

Por sua vez, Gulvira et al. (2024), argumentam que o empreendedorismo feminino se tem vindo a destacar, impulsionado pelo crescente processo de feminização do mercado de trabalho e a característica de resiliência no comportamento feminino. Gulvira et al. (2024) esclarecem que este fenómeno tem fomentado gradualmente o aumento de empresas lideradas por mulheres, tornando fundamental compreender a sua relevância no panorama económico. Adicionalmente, é essencial examinar as motivações específicas das mulheres para empreender, de modo a salientar as características distintivas do empreendedorismo feminino (Gulvira et al., 2024).

No âmbito das mulheres no mercado de trabalho, considerando o panorama económico e o comportamento feminino, os estudos elaborados por Elam et al. (2021), registam que a pandemia da Covid-19 também afetou o empreendedorismo feminino. Este facto deveu-se, em grande parte, às mulheres terem sido as mais afetadas pelo despedimento vulnerabilidade inerente das pequenas empresas, aos fortes impactos setoriais e ao ónus adicional dos cuidados familiares, que se somaram às exigências laborais, na visão dos autores.

Por conseguinte, o estudo citado mostra que, globalmente, mulheres e homens reportaram ter encontrado novas oportunidades de negócio devido à pandemia em percentagens semelhantes (40,6% contra 42,2%). No entanto, muitos dos desafios foram distintos: muitas empreendedoras adaptaram com sucesso às disrupções de mercado, apesar de as políticas de apoio, nomeadamente nas áreas dos cuidados familiares, da educação e do apoio às pequenas empresas, terem sido insuficientes.

As disparidades tornam-se mais evidentes quando analisados os contextos nacionais: nos países de baixo rendimento, as mulheres tinham 20% menos probabilidade do que os homens de identificar novas oportunidades de negócio durante a pandemia. Paradoxalmente, nestes mesmos países, as empreendedoras mostram-se cerca de 10% mais propensas do que os homens a considerar as respostas governamentais eficazes (Elam et al., 2021, p. 15). Os autores também acrescentam que a maioria das mulheres empreendedoras tem entre 22 e 35 anos, e em 2020, 54% delas optaram por iniciar um novo empreendimento ou investir em negócios relacionados a setores como alimentação, beleza, estética e moda.

No entanto, para além dos desafios contextuais, há características inerentes que, de maneira geral, podem beneficiar as mulheres em sua jornada empreendedora, sobretudo no setor de serviços. Entre essas características, destacam-se o comprometimento, a disposição para auxiliar, a maior sensibilidade e a empatia (Martins, Martins e Morais, 2024).

Menciona-se especificamente o setor de serviços, pois essas competências tornam o trabalho mais simplificado, visto que ele requer uma interação dinâmica não apenas com os clientes, mas também com fornecedores, colaboradores e a comunidade em geral (Martins, Martins & Morais, 2024). Esta abordagem relacional, quando aplicada à gestão, pode funcionar como fator distintivo, promovendo avanços inovadores e diferenciados que potenciam a transição de pequenos negócios da economia informal para a formal, tal como demonstrado pela abordagem integrada do projeto. (Elam et al., 2021; OECD, 2021, 2024)

1.1.3 Empreendedorismo Feminino Jovem em Cabo Verde

O empreendedorismo feminino consolida-se na literatura contemporânea, como um pilar estratégico para a consecução da Agenda 2030 das Nações Unidas, atuando como uma alavanca transversal para múltiplos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Em particular, a promoção do empreendedorismo entre as jovens mulheres representa não apenas uma via para alcançar o ODS 8: Trabalho Digno e Crescimento Económico, mas também um mecanismo crítico para a concretização do ODS 5: Igualdade de Género e os ODS 10: Reduzir as Desigualdades (Hunt &

Samman, 2016; Elam et al., 2021; Elam, Hughes & Samsami, 2024; Hill, Ionescu-Somers & Coduras, 2025).

Em Cabo Verde, pequeno Estado insular em desenvolvimento, com uma população jovem e concentrada no Litoral (OECD, 2021; World Bank Group, 2025b), o empreendedorismo feminino jovem assume uma importância acrescida, enquanto instrumento de emancipação social, inovação económica e coesão territorial. A atividade empreendedora das mulheres contribui ainda para a construção de economias mais resilientes inclusivas, alinhadas com o ODS 9, Indústria, Inovação e Infraestrutura (ICIEG, 2024; ILO, 2023; World Bank Group, 2023).

Os estudos da Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2023) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD, 2023) sublinham que o empreendedorismo feminino, quando apoiado por políticas públicas inclusivas, constitui um vetor de transformação socioeconómica, impulsionando o crescimento sustentável e a inovação social, sobretudo em economias emergentes e insulares. Assim, em Cabo Verde, o envolvimento das jovens emergentes na criação e gestão de negócios revela-se um fator estratégico para o desenvolvimento local e a coesão social, com impacto direto na geração de rendimento, na criação de emprego e na redução das desigualdades (ICIEG, 2024; ILO, 2023; World Bank Group, 2023).

Autores como Nevi et al. (2024); Ogundana (2021) e Skorupa & Stępień (2024) reconhecem que o empreendedorismo feminino jovem enfrenta múltiplas barreiras estruturais, frequentemente agravadas pela interseccionalidade de vulnerabilidades. Tais barreiras manifestam-se de forma similar em várias economias em desenvolvimento, mas em Cabo Verde assumem nuances locais específicas (ICIEG, 2024).

Uma das principais limitações é o acesso restrito a financiamento. Tal como evidenciado por Ebewo et al (2025) na África do Sul, o capital inicial representa um dos maiores obstáculos. Em Cabo Verde, esta limitação é agravada pela ausência de historial creditício e pela falta de garantias, afetando de modo desproporcionado as jovens (ILO, 2023; World Bank Group, 2018; 2023). Consequentemente, muitas mulheres recorrem a fontes informais de financiamento ou a atividades de subsistência, o que limita a sustentabilidade dos seus negócios e reforça a sua vulnerabilidade no sistema financeiro formal (ADBG, 2022).

Outro constrangimento estrutural relevante refere-se à distribuição desigual das responsabilidades familiares e domésticas, amplamente documentadas pela ILO (2023), pelo Banco Mundial (World Bank Group, 2023) e também por Ebewo, Schultz & Mmako (2024); Ogundana (2022) e Ogundana et al. (2021). O peso desproporcional dos cuidados, especialmente em famílias monoparentais, restringe o tempo e a energia das jovens empreendedoras, condicionando a sua capacidade de expansão e inovação. Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (INE, 2020), 31,4% das famílias cabo-verdianas são monoparentais, sendo a maioria chefiada por mulheres jovens, para quem o empreendedorismo se torna uma fonte vital de rendimento e autonomia económica.

O Programa de Governo e Moção de Confiança 2021-2026, reconhece a necessidade de consolidar uma infraestrutura para a igualdade, através de políticas públicas orientadas para a redução da

carga dos cuidados, a expansão de creches acessíveis e o reforço da resiliência climática dos negócios (Governo de Cabo Verde, 2020). Tais medidas refletem a visão de que o empreendedorismo feminino não deve ser abordado isoladamente, mas integrado nas estratégias de desenvolvimento social, económico e territorial.

A nível internacional, Potter, Halabisky e Hannig (2016) e Hill, Ionescu-Somers e Codura (2025) confirmam que as mulheres continuam a enfrentar maiores obstáculos no acesso a financiamento, redes de contato e formação, sendo estas barreiras estruturais e não apenas individuais. Hill, Ionescu-Somers e Codura (2025) enfatizam que, quando devidamente apoiadas, as empreendedoras contribuem de forma significativa para a inovação social e o crescimento económico, o que legitima políticas públicas inclusivas e de longo prazo.

Em Cabo Verde, destacam-se medidas como programa de microcrédito, ações de capacitação em gestão e literacia financeira, e iniciativas de sensibilização para a igualdade de género (Governo de Cabo Verde, 2021). Contudo, a literatura e os relatórios internacionais sublinham a necessidade de ampliar o alcance e a continuidade dessas políticas, integrando educação empreendedora, mecanismos de financiamento adaptados às mulheres jovens e fortalecimento de redes colaborativas (ILO, 2023; OECD, 2023; Hill, Ionescu-Somers e Codura, 2025; Hossain et al., 2025).

A localização costeira da maioria da população e das atividades económicas cabo-verdianas representa uma vulnerabilidade adicional (World Bank Group, 2023). Os negócios, especialmente nos setores do turismo, serviços e economia criativa, enfrentam riscos diretos associados às alterações climáticas, como a subida do nível do mar e a erosão costeira (Ministério da Agricultura e Ambiente, 2021; INE, 2025). Essa vulnerabilidade ambiental funciona como um risco sistémico negligenciado nas análises tradicionais do empreendedorismo jovem, reforçando a necessidade de integrar adaptação climática e sustentabilidade nas estratégias de capacitação empreendedora (Hossain et al., 2025)

Paralelamente, a prevalência da economia informal constitui um desafio crítico. Como observa Dinis (2024), um número expressivo de jovens cabo-verdianos inicia a sua atividade no setor informal, sem proteção social nem acesso a mercados formais (ILO, 2023). Embora iniciativas como o projeto JovEmprego no Mercado Sucupira, que combina formações em literacia financeira, apoio à formação e acesso ao microcrédito, tenham obtido resultados positivos, a sua escala ainda é limitada, exigindo maior articulação institucional e territorial.

O perfil empreendedor feminino jovem é frequentemente associado a características como liderança, autoconfiança, inovação, capacidade de comunicação, planeamento estratégico e proatividade (Feng, Ahmad e Zheng, 2023; Hossain et al., 2025; Rizvi, Qureshi & Ansari, 2024). No entanto, estes atributos são condicionados pelas oportunidades contextuais e pela qualidade de apoio institucional (Gulvira et al., 2024).

Elam, Hughes e Samsami (2024), Hossain et al. (2025) e Rizvi et al. (2024) sublinham que as mulheres enfrentam restrições significativas no exercício da atividade empreendedora, nomeadamente discriminação de género, escassez de formação e dificuldade de financiamento,

mas quando apoiadas, demonstram elevada capacidade de impacto: geram emprego, reforçam o rendimento familiar, reduzem o desemprego e promovem a igualdade de género e o desenvolvimento comunitário.

Em Cabo Verde, observa-se o surgimento de jovens empreendedoras de referência em diversos setores, desde *startups* tecnológicas orientadas para soluções ambientais, até iniciativas de turismo sustentável, agricultura local e economia criativa. Estes exemplos evidenciam que, apesar dos constrangimentos estruturais, as mulheres jovens cabo-verdianas têm potencial para atuar como agentes de mudança social e económica, alinhando-se com o quadro de inovação transformadora descrito por Hossain et al. (2025).

O surgimento de empreendedoras de sucesso em Cabo Verde não apenas demonstra a capacidade das mulheres cabo-verdianas para superar barreiras estruturais, mas também desempenha um papel inspirador, encorajando novas gerações de jovens a seguir trajetórias semelhantes. Estas experiências de êxito materializam o potencial transformador do empreendedorismo feminino jovem como força de inovação, crescimento económico e coesão territorial defendido por Mazzucato (2018). Ainda, de acordo com Hossain et al. (2025), a visibilidade de mulheres empreendedoras em contextos de economia em desenvolvimento atua como catalisador de mudança cultural, ampliando o reconhecimento social do papel económico feminino e incentivando o investimento em políticas de igualdade.

Nos últimos anos, Cabo Verde tem adotado medidas abrangentes para promover o empreendedorismo feminino e apoiar as mulheres ao longo do ciclo de vida empresarial. Uma das pedras angulares desse esforço é a Lei da Igualdade de Género (Resolução n.º 1/2022), que estabelece um quadro jurídico robusto para a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho e no ambiente empresarial. Esta Lei constitui um marco normativo essencial, em consonância com o ODS 5 e com as recomendações da OCDE (Potter, Halabisky & Hannig, 2016) sobre políticas públicas sensíveis ao género.

Complementarmente, o Governo de Cabo Verde introduziu incentivos fiscais específicos para empreendedoras, incluindo reduções e isenções fiscais para empresas detidas por mulheres (Governo de Cabo Verde, 2021). Estas medidas procuram aliviar a carga tributária e estimular a formalização de negócios femininos, particularmente em micro e pequenas empresas, que representam uma parcela significativa da economia cabo-verdiana (World Bank Group, 2023). Esta abordagem fiscal inclusiva enquadra-se na lógica da governação territorial colaborativa referida por Corrêa et al. (2024), que defende a integração de políticas económicas e de género no desenvolvimento local.

No domínio do financiamento e capacitação, tem sido implementado programas de microcrédito e formação empreendedora por meio de instituições como o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), em parceria com organizações não-governamentais e agências internacionais (ILO, 2023). Estes programas são fundamentais para viabilizar o acesso a capital inicial, permitindo às jovens empreendedoras iniciar ou expandir negócios em setores-chave como o turismo, a agricultura sustentável e os serviços criativos (Governo de Cabo Verde, 2021).

Além disso, os programas de formação em gestão, literacia financeira e desenvolvimento de planos de negócios têm reforçado a autonomia económica e as competências de liderança das mulheres (Governo de Cabo Verde, 2021). Conforme sublinha Panda (2018), a capacitação técnica, associada a oportunidade de crédito, constitui um dos fatores mais determinantes para a emancipação feminina, sobretudo em economias emergentes.

O fortalecimento de redes de *networking* e mentoria representa outro vetor essencial para o sucesso das empreendedoras, como recomendam os estudos publicados pela OIT (ILO, 2023) e do GEM (Elam, Hughes & Samsami, 2023, 2024; Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025). Iniciativas locais e regionais têm incentivado a criação de redes de mulheres empresárias, com o objetivo de partilhar experiências, consolidar aprendizagem e ampliar oportunidades de negócio (ICIEG, 2024). De acordo com Hossain et al. (2025), estas redes contribuem significativamente para a criação de capital social e relacional, permitindo o acesso a mercados, informação e apoio emocional, elementos críticos para a sustentabilidade dos empreendimentos liderados por mulheres jovens.

Nos últimos anos, Cabo Verde tem apostado na diversificação da base económica, estimulando o empreendedorismo feminino nos setores da inovação e tecnologia (Governo de Cabo Verde, 2021, 2024). Programas de aceleração e incubação de *startups* oferecem apoio técnico e financeiro específico para empresas tecnológicas lideradas por mulheres, reforçando a presença feminina num domínio historicamente dominado por homens. Neste contexto, Pedro Lopes, Ministro da Economia Digital refere que:

“Vão ser 150 jovens apoiados com o programa BOOST.CV, que é exatamente para dar este Boost. Cerca de 50% dos selecionados serão meninas e mulheres. Nós queremos cada vez mais meninas e mulheres no empreendedorismo de base tecnológica em Cabo Verde” (Governo de Cabo Verde, 2025).

Esta estratégia é coerente com as evidências apresentadas pela OCDE (2021), que associam a inclusão das mulheres na inovação digital e tecnológica ao aumento da produtividade, competitividade e criação de valor social.

Tais medidas políticas e institucionais demonstram o compromisso do Estado cabo-verdiano com a igualdade de género e a promoção de um ambiente propício ao crescimento de negócios liderados por mulheres. O incentivo a *startups* femininas em área de ciência, tecnologia e economia verde representa, além de uma resposta a desafios estruturais, uma aposta no futuro sustentável e inteligente do país (Governo de Cabo Verde, 2024)

No plano teórico, autores como Alkhaled e Berglund (2018) demonstram que o empreendedorismo atua como poderoso instrumento de empoderamento e emancipação feminina, permitindo às mulheres adquirir autonomia económica, desenvolver competências pessoais e exercer poder de decisão, mesmo em contextos marcados por restrições socioculturais. Esta perspetiva é particularmente relevante para Cabo Verde, onde as jovens mulheres enfrentam desafios interligados, desde o acesso limitado a recursos e mercado até a persistência de normas culturais que restringem a sua plena participação económica (ILO, 2023; Ogundana, 2021).

A análise de Alkhaled e Berglund (2018) sublinha que o êxito do empreendedorismo emancipatório depende tanto da motivação individual quanto da interação entre as empreendedoras e o ambiente institucional e cultural. Assim, o estudo do empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde revela não apenas as estratégias individuais de superação e inovação, mas também os fatores contextuais que podem potenciar ou limitar estas trajetórias, tais como o enquadramento jurídico, a cultura empresarial, o apoio familiar e a presença de políticas públicas eficazes.

Nesta ótica, compreender o fenómeno implica adotar uma perspetiva multinível (micro, meso e macro):

- i. ao nível micro, destacam-se as competências, motivações e atitudes das jovens empreendedoras (Feng, Ahmad e Zheng, 2023; Gulvira et al., 2024; Hossain et al., 2025; Rizvi, Qureshi & Ansari, 2024);
- ii. ao nível meso, as redes sociais e institucionais que sustentam a atividade empreendedora (Carvalho, Vanderlei e Martins, 2023; Elam, Hughes & Samsami, 2024; Garcia-Cabrera, Garcia-Soto & Dias-Furtado, 2018; Santos et al., 2018);
- iii. e ao nível macro, o quadro político e económico que define o acesso a recursos e oportunidades (ADBG, 2022; Hill, Ionescu-Somers & Codura, 2025; Potter, Halabisky & Hannig, 2016).

Deste modo, o empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde deve ser compreendido como um processo dinâmico e relacional, no qual a emancipação económica e social se entrelaça com a transformação institucional e cultural, constituindo um vetor estratégico de desenvolvimento local sustentável (Mazzucato, 2018; Hossain et al., 2025).

1.2 Empreendedorismo e Desenvolvimento Socioeconómico Local

O debate sobre a relação entre empreendedorismo e desenvolvimento socioeconómico tem evoluído significativamente nas últimas décadas, acompanhando as transformações estruturais das economias globais e os novos paradigmas de desenvolvimento sustentável (Kelley, Bosma & Amarós, 2010). Embora algumas teorias económicas clássicas tenham sustentado que o empreendedorismo poderia, em determinados contextos, desviar recursos da produtividade agregada e, assim, impedir o crescimento económico (Schumpeter, 1997), estudos contemporâneos têm demonstrado o oposto: o empreendedorismo, quando apoiado por políticas dequadas e capital humano qualificado, é um motor essencial de crescimento e inovação (Feitosa & Albuquerque, 2019; Bastida, 2021; Hossain et al., 2025).

Segundo Feitosa e Albuquerque (2019), evidências empíricas em cidades europeias de diferentes dimensões comprovam que a atividade empreendedora tem direto e imediato no desenvolvimento económico urbano, estimulando a criação de emprego, a competitividade e a regeneração económica. Esta perspetiva é corroborada por Bastida (2021), que, ao estudar o empreendedorismo feminino e o autoemprego, destaca que tais iniciativas, quando integradas em estratégias de

responsabilidade social corporativa com perspectiva de género, reforçam o desenvolvimento económico e a coesão social local.

O caso de Cabo Verde representa um terreno fértil para compreender como o empreendedorismo se articula com o desenvolvimento local em contextos insulares, caracterizados por vulnerabilidades estruturais, mas também por fortes dinâmicas de resiliência e inovação social (Sramento & Silva, 2024). O país, composto por dez ilhas com realidades geográficas e culturais distintas, enfrenta escassez de recursos naturais, dependência do turismo e vulnerabilidade ambiental, especialmente face às alterações climáticas e à seca prolongada.

Estes constrangimentos estruturais, agravados pelos impactos da pandemia da COVID-19, pela crise energética global e pelos efeitos geopolíticos da guerra na Ucrânia, têm exigido de Cabo Verde novas estratégias de desenvolvimento endógeno e sustentável (ADBG, 2022; República de Cabo Verde, 2017). No entanto, como argumentam Sarmiento e Silva (2024), o arquipélago revela notável capacidade de transição de um modelo MIRAB (Migration, Remittances, Aid and Bureaucracy) para um modelo TOURAB (Turism and Remittances), sustentado pela diversidade económica, pela economia do turismo e pela diáspora ativa.

A diáspora cabo-verdiana, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2021), constitui um elemento estruturante do desenvolvimento local, não apenas pelas remessas financeiras, mas também pela transferência de conhecimento, de redes e de capital social, que estimulam o investimento produtivo e o empreendedorismo comunitário.

O turismo tem sido identificado como o principal motor do crescimento económico cabo-verdiano. Conforme salientam Martins, Martins e Morais (2024), as redes digitais e as redes sociais têm desempenhado um papel crescente na atração de visitantes e na promoção da cultura local, fortalecendo a imagem de Cabo Verde como destino sustentável. Esta transição digital representa, simultaneamente, uma oportunidade para o empreendedorismo jovem, especialmente feminino, em setores como o turismo criativo, o *marketing* digital e a economia cultural (World Bank Group, 2023; Ministério do Turismo e Transporte de Cabo Verde, 2021).

A agricultura sustentável e a economia azul emergem, igualmente, como domínios estratégicos. Projetos de irrigação inteligente e técnicas de conservação da água, apoiados por políticas públicas e financiamento internacional, visam garantir segurança alimentar e reduzir a dependência das importações (World Bank Group, 2021). Estas iniciativas contribuem para a resiliência local, demonstrando que o desenvolvimento socioeconómico cabo-verdiano assenta na articulação entre empreendedorismo, inovação e sustentabilidade ambiental (OECD, 2021)

O empreendedorismo tem se afirmado, em Cabo Verde, como mecanismo de transformação estrutural e social, capaz de gerar emprego e redistribuir rendimentos e reduzir desigualdades territoriais (Banco Cabo Verde, 2021). Ao criar e expandir negócios, os empreendedores e, de modo crescente, as jovens empreendedoras, promovem a circulação de riqueza local e o fortalecimento das cadeias produtivas internas, diminuindo a dependência de importações e de setores voláteis (ADBG, 2022).

Conforme o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2019, 2020), as micro e pequenas empresas cabo-verdianas são responsáveis por mais de 90% do tecido empresarial e representam o principal canal de criação de empregos formais, sobretudo nas ilhas mais periféricas. Tal dinâmica está associada à melhoria do rendimento das famílias e ao aumento do poder de compra local, elementos essenciais para a consolidação de mercados internos e a redução da pobreza.

O empreendedorismo feminino jovem, neste quadro, constitui um instrumento de emancipação e empoderamento económico, promovendo a autonomia e a equidade de género (ADBG, 2022; Bastida, 2021; Hossain et al., 2025). As mulheres empreendedoras, especialmente em Cabo Verde, têm demonstrado uma notável capacidade de inovação adaptativa, seja no turismo sustentável, no artesanato digital, na produção local de alimentos, ou em startups de base tecnológica apoiadas por incubadoras locais (ICIEG, 2024).

O impacto do empreendedorismo no desenvolvimento local ultrapassa os limites da economia formal (Carvalho, Vanderlei & Martins, 2023; Elam, Hughes & Samsami, 2024). Estudos recentes demonstram que o empreendedorismo em Cabo Verde contribui para:

- i. Criação de empregos, sobretudo para jovens e mulheres (Banco de Cabo Verde, 2021);
- ii. Diversificação económica, com expansão para setores tecnológicos e de energias renováveis (Governo de Cabo Verde, 2021);
- iii. Estímulo à inovação, por via da introdução de novos produtos, serviços e soluções adaptados a realidade insular (World Bank Group, 2021);
- iv. Fortalecimento das pequenas empresas locais, que dinamizam o comércio e os serviços de proximidade (INE, 2021);
- v. Apoio governamental contínuo, através de políticas de microfinanciamento, capacitação e estímulo fiscal (Governo de Cabo Verde, 2021).

estas ações produzem efeitos multiplicadores significativos, reforçando o capital humano, o capital social e o capital sustentável (Mazzucato, 2018; Corrêa, 2024).

O African Development Bank Group (ADBG, 2022) reforça esta leitura ao salientar que o empoderamento económico das mulheres e o fortalecimento das microempresas locais em contexto de transição constituem condições indispensáveis para o crescimento inclusivo em África. Cabo Verde, neste contexto, tem se destacado pela adoção de políticas públicas integradas, que combinam financiamento, formação, inovação e igualdade de género, elementos que convergem para um modelo de desenvolvimento local resiliente e equitativo.

1.2.1 As Políticas de Fomento ao Empreendedorismo Feminino em Cabo Verde

o empreendedorismo constitui um dos principais vetores de dinamização económica e social em países em desenvolvimento, funcionando como mecanismo de inclusão produtiva, inovação e criação de emprego (Drucker, 1987, Schumpeter, 1997; Feitosa & Albuquerque, 2019).

No caso de Cabo Verde, embora os estudos de Atarah et al., (2023), Rindova, Barry e Ketchen (2009) e Freeman (2014) não se centrem especificamente em Cabo Verde os seus contributos teóricos sobre o empreendedorismo como prática emancipatória e instrumento de agência feminina em contexto de restrição económica e social permitem compreender a emergência do empreendedorismo feminino jovem cabo-verdiano como fenómeno de transformação socioeconómica, Tal como noutros contextos de escassez e vulnerabilidade institucional, as empreendedoras cabo-verdianas utilizam o empreendedorismo não apenas como via de rendimento, mas como estratégia e afirmação social, autonomia e reconstrução identitária.

As motivações que conduzem as mulheres ao empreendedorismo nem sempre são exclusivamente económicos: envolvem também processos de emancipação, reconhecimento social e busca de autonomia, profundamente influenciados por fatores culturais, institucionais e de género (Alkhaled & Berglund, 2018; Muhammad et al, 2023; Ogundana et al., 2021). Assim, as políticas públicas assumem papel determinante na criação de condições equitativas de acesso a recursos, oportunidade e redes, favorecendo o fortalecimento do ecossistema empreendedor feminino (OECD, 2021; ADBG, 2022; ILO, 2023)

No âmbito político e institucional, o Estado de Cabo Verde tem vindo a alinhar a sua agenda de desenvolvimento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5 e 8), visando promover a igualdade de género, o trabalho digno e o crescimento inclusivo (Governo de Cabo Verde, 2020; World Bank Group, 2025a). O Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável (PEDSII 2022-2026) e a Estratégia da Economia Digital (2024) reforçam a centralidade do empreendedorismo e da inovação como motores da competitividade e da transformação estrutural da economia (Governo de Cabo Verde, 2024)

Não obstante, persistem desafios relevantes: o acesso desigual ao crédito, a informalidade, os estereótipos de género e as limitações no alcance territorial das políticas (Banco de Cabo Verde, 2021; Hill, Ionescu-Somers e Coduras, 2025; ICIEG, 2024). Tais obstáculos são comuns a muitas economias africanas em transição, onde as mulheres empreendedoras ainda enfrentam barreiras institucionais e financeiras (Hossain et al., 2025; Ebwo et al., 2025)

O financiamento inclusivo é o eixo mais visível das políticas de fomento ao empreendedorismo feminino cabo-verdiano. O Governo tem promovido fundos específicos e esquemas de microcrédito direcionados às mulheres, em conformidade com as recomendações da OCDE (OECD, 2021) e do African Development Bank Group (ADBG, 2022).

A criação do Banco Jovem e Mulher (Expresso das Ilhas, 2024), e no entendimento de Santos (2024), constitui um exemplo paradigmático, ao facilitar o acesso a capital semente e crédito preferencial para jovens empreendedoras, reduzindo as desigualdades de acesso ao sistema financeiro formal. Da mesma forma, o programa Sucupira50 introduziu balcões únicos de formalização de negócios e acesso à proteção social, resultando na formalização de centenas de microempresas femininas e na ampliação da rede de segurança social para mulheres trabalhadoras por conta própria (Proempresa, 2024)

Tais iniciativas respondem à necessidade, destacada pelo World Bank (2025a) e pela Organização Internacional do Trabalho (ILO, 2023), de associar o crédito produtivo à proteção social, criando mecanismos sustentáveis de empoderamento económico feminino.

A capacitação técnica é outro pilar fundamental. A Pró-Empresa, em parceria com o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) e com programas internacionais como IDEA (2023) tem promovido formação em gestão, marketing, literacia financeira e inovação social, adaptada às realidades das mulheres empreendedoras.

Estes programas são coerentes com a visão de Bastida (2021) e de Dinis (2024), segundo a qual a educação empreendedora é condição para o desenvolvimento sustentável e a inclusão laboral, em particular entre os jovens e mulheres.

Adicionalmente, foram criadas redes de mentoria e programa de capacitação digital, incentivando a entrada de mulheres em setores tecnológicos e científicos (STEM), em conformidade com a Estratégia da Economia Digital (Governo de Cabo Verde, 2024). Estes esforços procuram superar o tradicional défice de capital humano tecnológico, identificado pelo World Bank Group (2024) como uma das limitações estruturais à competitividade do país.

Cabo Verde tem vindo a revisar o seu enquadramento normativo com vista à eliminação de barreiras legais e burocráticas discriminatórias. A Lei da Igualdade de Género (Resolução n.º 1/2022) e o Relatório Beijing +30 (ICIEG, 2024) reforçam o compromisso do Estado com a promoção da equidade e a integração da perspectiva de género nas políticas económicas.

Além disso, as recomendações do Banco Mundial (World Bank Group, 2023) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD, 2023) têm inspirado políticas orientadas para a governação inclusiva, com metas de participação femininas em conselhos de administração e programas públicos de investimento, promovendo um ambiente regulatório favorável à igualdade de oportunidades.

Neste contexto, o empreendedorismo feminino em Cabo Verde está profundamente condicionado por dinâmicas sociais e culturais. Conforme sublinham Ogundana (2022) e Atarah et al. (2023), a emancipação feminina exige políticas que enfrentem as estruturas de desigualdade e os estigmas sociais associados à liderança feminina.

Nesse sentido, o Governo tem investido em infraestruturas sociais e de apoio, como creches e centros de cuidados acessíveis, permitindo às mulheres conciliar a vida familiar e profissional (ICIEG, 2024). Paralelamente, campanhas públicas e programas educativos promovem a desconstrução de estereótipos de género e o combate à violência e ao assédio em ambientes de trabalho (ICIEG, 2024; ILO, 2023). Essas medidas alinham-se com a perspectiva de Bignotti et al. (2025) e Siegrist (2025), que defendem uma abordagem holística, integrando segurança, equidade e bem-estar social como dimensões estruturantes do ecossistema empreendedor feminino.

No contexto das políticas públicas, a consolidação de redes de apoio e colaboração é igualmente central. A Plataforma das Mulheres Empreendedoras de Cabo Verde (PMECV) atua na promoção

de *networking*, feira de empreendedorismo e acesso a mercados, funcionando como espaço de aprendizagem coletiva e defesa de políticas sensíveis ao género (Proempresa, 2024)

Elam, Hughes e Samsami (2024) e Hill, Ionescu-Somers e Coduras (2025) salientam que a densidade e qualidade das redes de apoio têm impacto direto no sucesso e na sustentabilidade dos negócios liderados por mulheres. Nesse sentido, Cabo Verde tem seguido as boas práticas internacionais, reforçando parcerias público-privadas e cooperação internacional com o Banco Africano de Desenvolvimento, PNUD, UNCTAD (2025) e World Bank Group (2025a). direcionadas à economia azul, digital e turística, setores estratégicos para o desenvolvimento inclusivo.

1.2.2 As mulheres jovens empreendedoras e a sua orientação para o desenvolvimento socioeconómico local

A relação entre o empreendedorismo feminino jovem e o desenvolvimento socioeconómico local ainda é pouco explorada na literatura académica, especialmente nos contextos insulares africanos. Embora o tema tenha ganho crescente atenção nas últimas décadas, continua a verificar-se uma escassez de estudos que abordem de forma explícita as interligações entre emancipação feminina, inovação local e coesão territorial (Atarah et al., 2023; Alkhaled & Berglund, 2018).

A participação das mulheres na economia e no mercado de trabalho tem, contudo, registado um crescimento expressivo, refletindo transformações estruturais na dinâmica social e produtiva. Feitosa e Albuquerque (2019) observam que a taxa de participação feminina no mercado de trabalho é hoje significativamente superior à observada há trinta anos, acompanhada pelo aumento do número de empresas lideradas por mulheres. Este fenómeno é particularmente relevante porque traduz não apenas o avanço da igualdade de oportunidades, mas também a emergência de novos agentes de desenvolvimento económico e social.

Neste sentido, autores como Freeman (2014) e Rindova, Barry e Ketchen (2009) conceptualizam o empreendedorismo feminino como um processo de emancipação e reconstrução identitária, especialmente em contexto de restrição económica e social. Esta perspetiva é aplicável ao caso cabo-verdiano, onde as jovens empreendedoras atuam como protagonistas de um processo de transformação socioeconómica ascendente, criando soluções inovadoras em setores como o comércio, o turismo sustentável e a economia criativa (Sarmiento & Silva, 2024; Ribeiro, 2021).

Apesar destes avanços, as mulheres continuam sub-representadas no universo empreendedor global. Os Relatórios GEM, elaborados por Elam et al. (2021); Hill, Ionescu-Somers e Coduras (2025), confirma que, embora o empreendedorismo feminino tenha crescido em diversas regiões do mundo, a taxa de atividade empreendedora inicial (TEA) das mulheres permanece inferior à dos homens. Persistem ainda barreiras estruturais significativas, como a dificuldade de acesso ao crédito, a exclusão de redes de contato e os estereótipos de género que fragilizam a aceitação social da liderança feminina (OECD, 2023).

Assim, o empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde deve ser compreendido como um fenómeno multiseccular, que opera simultaneamente na esfera económica, social e simbólica. Para

além de gerar rendimento e emprego, promove processos de emancipação individual, reforça a coesão social e estimula a inovação endógena, elementos essenciais ao desenvolvimento local sustentável (OECD, 2023, World Bank Group, 2025a).

2. Metodologia

O presente estudo é de natureza qualitativa e carácter exploratório-descritivo, tendo como propósito analisar os aspetos relacionados com o empreendedorismo feminino em Cabo Verde, a sua orientação para o desenvolvimento socioeconómico local, o perfil das jovens empreendedoras e as políticas públicas de fomento ao empreendedorismo feminino, bem como os desafios e limitações decorrentes da insuficiência de apoio institucional e financeiro.

Segundo Chizzotti (2003), a abordagem qualitativa permite compreender a essência dos fenómenos sociais através da análise das relações, significados e contextos em que estes se manifestam, valorizando a experiência vivida dos participantes. Nesse sentido, esta investigação procura interpretar o fenómeno do empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde a partir das perceções, narrativas e práticas das próprias mulheres empreendedoras, inserindo-se no paradigma interpretativista.

De acordo com Yin (2016), a pesquisa qualitativa visa a produção de novos conhecimentos úteis ao avanço científico, centrando-se em contextos específicos e fenómenos complexos, sem necessariamente buscar aplicação imediata. A natureza exploratória deste estudo justifica-se pela

escassez de trabalhos que articulem o empreendedorismo feminino jovem e o desenvolvimento local em Cabo Verde, o que requer uma abordagem flexível e aberta à descoberta de novos elementos explicativos.

A investigação inspira-se em metodologias adotadas em estudos internacionais que abordam o empreendedorismo feminino em contextos de recursos limitados. Nevi et al. (2024) aplicaram entrevistas semiestruturadas com mulheres empreendedoras iniciantes e experientes, permitindo identificar fatores impulsionadores e barreiras ao longo do percurso empreendedor. De forma semelhante, Atarah et al. (2023) exploraram, através de entrevistas qualitativas, as trajetórias de mulheres em ambientes socioeconómicos restritivos, identificando o empreendedorismo como via de emancipação. Por sua vez, Ebewo, Schultz e Mmako (2025) adotaram uma perspetiva institucional, combinando entrevistas e análise documental, para compreender a influência dos pilares regulatórios, normativos e culturais na trajetória das empreendedoras sul-africanas.

Esses referenciais metodológicos demonstram a adequação da entrevista semiestruturada como instrumento central para compreender as experiências individuais e coletivas das empreendedoras cabo-verdianas, dado o peso dos fatores socioculturais e institucionais no contexto local (Garcia-Cabrera, Garcia-Soto & Dias-Furtado, 2018; Ogundana et al., 2021).

O processo de recolha de informações desenvolveu-se entre fevereiro e junho de 2025. Nos meses de fevereiro e março realizou-se o levantamento bibliográfico e documental, com recurso a bases de dados académicas e fontes institucionais, utilizando os descritores “empreendedorismo”, “empreendedorismo feminino”, “empreendedorismo feminino em Cabo Verde” e “desafios de empreender em Cabo Verde”.

Em abril foi elaborado o guião de entrevista, estruturado em duas partes: (i) a primeira dedicada à recolha de dados sociodemográficos das participantes; (II) a segunda, centrada em dimensões económicas, institucionais e motivacionais relacionadas com a experiência empreendedora.

O guião integrou vinte e quatro perguntas, sendo onze de carácter fechado e treze abertas, formuladas de modo a permitir a expressão livre das entrevistadas. As entrevistas decorreram durante o mês de junho, com mulheres cabo-verdianas residentes na Ilha de São Vicente, com idades compreendidas entre 15 e 45 anos.

Os critérios de inclusão abrangeram mulheres empreendedoras ou em processo de criação de negócio, com residência permanente na ilha. Foram excluídas participantes que não desenvolviam atividade empreendedora ou cujos perfis divergiam do objetivo da pesquisa.

A análise das entrevistas foi realizada entre julho e agosto de 2025, com base na técnica de análise de conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (1977). Segundo a autora, esta técnica consiste num conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, permitindo identificar indicadores qualitativos e quantitativos que revelam significados latentes e manifestos das comunicações.

Mozzato e Grzybovski (2011) reforçam que a análise de conteúdo, amplamente utilizada em estudos de gestão e ciências sociais, visa ultrapassar as incertezas da interpretação intuitiva, conferindo rigor e reprodutibilidade à análise qualitativa. Assim, as respostas das participantes foram codificadas e categorizadas, tendo em conta três eixos de análise principais:

1. Motivações e barreiras ao empreendedorismo feminino jovem;
2. Perceção sobre o papel do empreendedorismo no desenvolvimento local;
3. Avaliação das políticas públicas de fomento e apoio institucional.

Este processo permitiu identificar padrões recorrentes e especificidades do contexto cabo-verdiano, contribuindo para uma leitura interpretativa das dinâmicas entre género, empreendedorismo e desenvolvimento socioeconómico.

O estudo respeitou os princípios éticos da investigação científica, assegurando o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas pelas participantes, conforme as orientações de Minayo e Costa (2018). A participação foi voluntária e informada, mediante consentimento prévio das entrevistadas, e os dados foram tratados exclusivamente para fins académicos.

2.1 Pressuposto de investigação

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o empreendedorismo feminino em Cabo Verde, com ênfase nas mulheres jovens, entendendo-o como instrumento de empoderamento económico e social.

Para a concretização deste objetivo, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o conceito de empreendedorismo à luz da condição de género e das experiências de mulheres jovens empreendedoras;
- Identificar o papel das políticas públicas de fomento ao empreendedorismo feminino no desenvolvimento socioeconómico local.

Deste modo, a pergunta central que orienta a investigação é:

- Como o empreendedorismo feminino jovem pode contribuir para o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde?

O estudo insere-se no paradigma qualitativo, assumindo uma abordagem exploratória e descritiva, adequada para compreender fenómenos sociais complexos e em transformação (Creswell, 2009; Yin, 2016). Segundo Creswell (2009), a pesquisa qualitativa é um processo de investigação que busca compreender o significado atribuído pelos indivíduos aos problemas sociais e humanos, permitindo captar as perceções, valores e experiências das pessoas envolvidas.

Neste contexto, a opção metodológica baseia-se na necessidade de explorar as perceções e interpretações das mulheres jovens empreendedoras cabo-verdianas, identificando os fatores estruturais, culturais e institucionais que moldam as suas trajetórias. Yin (2016) destaca que o estudo de caso é particularmente adequado quando se pretende compreender fenómenos

contemporâneos dentro do seu contexto real, sobretudo quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas. Assim, o estudo de caso constitui a estratégia central desta investigação, pois permite aprofundar as experiências, motivações e desafios vividos pelas jovens empreendedoras em Cabo Verde.

A investigação parte do entendimento de que o empreendedorismo feminino jovem é um fenómeno multifacetado, influenciado simultaneamente por fatores individuais, socioculturais e institucionais (Nevi et al., 2024; Atarah et al., 2023). Nevi et al. (2024) distinguem as experiências de mulheres aspirantes e experientes, evidenciando que, embora partilhem barreiras comuns, como os estereótipos de género e as limitações no acesso a financiamento, as necessidades e motivações variam conforme o estágio do percurso empreendedor. Esta constatação reforça a pertinência de analisar as trajetórias das jovens empreendedoras cabo-verdianas, que frequentemente operam em contextos de vulnerabilidade económica e cultural.

De modo convergente, Carvalho, Vanderlei e Martins (2023), numa revisão sistemática sobre o impacto do empreendedorismo no empoderamento feminino, destacam benefícios como a autonomia financeira, o fortalecimento da autoestima e a flexibilidade laboral, embora sublinhem persistentes barreiras estruturais, como a falta de apoio institucional e os preconceitos de género, que condicionam o crescimento dos negócios liderados por mulheres. Estes resultados fundamentam o pressuposto de que o empreendedorismo feminino em Cabo Verde deve ser interpretado como um processo de emancipação, em que o ganho económico se associa ao reforço da identidade e da agência feminina (Rindova, Barry & Ketchen, 2009; Alkhaled & Berglund, 2018).

Assim, o estudo assenta na hipótese de que o empreendedorismo feminino jovem pode atuar como vetor de transformação socioeconómica e cultural, promovendo não apenas a geração de rendimentos, mas também a reconfiguração das relações de género e o fortalecimento da coesão social local.

O enquadramento metodológico segue a perspetiva qualitativa defendida por Gerhardt e Silveira (2009), para quem a abordagem qualitativa privilegia a compreensão, descrição e explicação das relações entre o global e o local, valorizando o contexto cultural e social dos fenómenos.

Neste sentido, a investigação combina levantamento bibliográfico, entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, de modo a articular a base teórica com as narrativas das participantes. Conforme salientam Minayo e Costa (2018), a entrevista semiestruturada é um instrumento particularmente adequado para estudar cultura, identidade e práticas sociais, uma vez que permite ao investigador aprofundar os significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias experiências.

As entrevistas realizadas com mulheres jovens empreendedoras da Ilha de São Vicente buscaram compreender as suas perceções sobre os desafios e oportunidades do empreendedorismo no contexto cabo-verdiano, bem como o papel das políticas públicas no fortalecimento das suas iniciativas. Essa abordagem, ao privilegiar a interação dialógica, favorece a emergência de significados e de interpretações próprias, indo além de uma mera recolha de dados empíricos.

Deste modo, o presente estudo apoia-se em quatro pressupostos fundamentais:

1. O empreendedorismo feminino jovem constitui um meio de empoderamento e emancipação social, promovendo a autonomia económica e a valorização do papel da mulher na sociedade (Carvalho et al., 2023; Atarah et al., 2023);
2. O desenvolvimento local sustentável depende, entre outros fatores, da integração plena das mulheres na economia, enquanto agentes de inovação e transformação (ADBG, 2022; Bastida, 2021);
3. As políticas públicas sensíveis ao género são determinantes para superar as barreiras institucionais e culturais que limitam o acesso das mulheres a recursos, mercados e redes de apoio (OECD, 2023; ICIEG, 2024);
4. O contexto cabo-verdiano, caracterizado pela juventude populacional e pela vulnerabilidade económica, oferece simultaneamente desafios e oportunidades para o fortalecimento do empreendedorismo feminino enquanto motor de desenvolvimento socioeconómico (World Bank Group, 2025a; Sarmiento & Silva, 2024).

2.2 Recolha e Tratamento dos dados

A recolha dos dados foi realizada mediante entrevista pessoal com guião de entrevista semiestruturado. As entrevistas foram realizadas *online* por vídeo chamada, onde foram entrevistadas dezasseis empreendedoras. Cada entrevista ocorreu no seu dia e hora acordado. No decorrer da entrevista o entrevistador vai desenvolver um diálogo com a empreendedora com base no conjunto de perguntas previamente definidas que consta no anexo A (guião de entrevista).

A entrevista aberta possui a vantagem de ser flexível em relação à duração, permitindo um aprofundamento maior em certos temas sem a preocupação com o tempo. Além disso, a interação entre entrevistador e entrevistado promove respostas mais espontâneas, resultando em uma maior proximidade e abertura entre ambos. Dessa forma, essas entrevistas facilitam a investigação de aspetos emocionais e valorativos dos entrevistados, atribuindo significados pessoais às suas atitudes e comportamentos.

O guião da entrevista foi dividido em várias seções de acordo com os objetivos traçados pelo estudo:

Dados Pessoais: Perguntas sobre idade, estado civil, grau de escolaridade, local de residência e composição do agregado familiar.

Negócio e Desafios: Perguntas sobre o ramo do negócio, motivação para investir no ramo, tempo de atuação no negócio, obstáculos e desafios enfrentados.

Políticas Governamentais e Empoderamento: Perguntas sobre subsídios do estado, políticas de apoio ao empreendedorismo, dificuldades específicas enfrentadas por mulheres e impacto do empreendedorismo no desenvolvimento socioeconómico.

Para a transcrição e verificação, as entrevistas foram registadas de acordo com o que as entrevistadas respondiam incluindo todas as palavras proferidas pelas mesmas, garantindo assim uma maior precisão e fidelidade dos dados fazendo sempre a revisão do que foi dito pela

empreendedora. Com a transcrição dos dados foi possível criar a tabela de perguntas e respostas que consta no anexo B.

Para o tratamento de dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo, com referência de Bardin (1977), procurando buscar a veracidade dos fatos de acordo com os objetivos traçados. Assim foi destacado para cada uma das empreendedoras, a sigla *Emp.* (que significa empreendedora), que serão enumeradas a numerada de 1 a 16, como podemos observar no quadro em anexo B.

No entanto, foram feitas num total de 24 perguntas, conforme a sequencia ilustrada em baixo:



Figura 3: Estrutura do guião das entrevistas
Fonte: Elaboração própria

Estes objetivos foram traçados de acordo com as categorias referente ao guião das entrevistas:

1. Conceção do empreendedorismo
2. A iniciativa e motivação na área do empreendedorismo
3. Os Obstáculos encontrados no negócio
4. Os desafios das mulheres empreendedoras em desenvolver o negócio
5. Perceção e identificação das políticas de fomento ao empreendedorismo;
6. As melhorias do empreendedorismo para o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde

Durante todo o processo de recolha de dados, foram observados rigorosos padrões éticos para proteger os direitos e a privacidade dos participantes:

- Obtenção de consentimento informado antes das entrevistas.
- Garantia de anonimato e confidencialidade das respostas.

Provisão de informações detalhadas sobre os objetivos da pesquisa e a utilização dos dados recolhidos.

3. Estudo de Caso

Este capítulo tem como objetivo mostrar os resultados do trabalho realizado, que foi baseado na revisão da literatura e nas informações obtidas por meio das entrevistas.

Para alcançar esse objetivo, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com dezasseis empreendedoras da ilha de São Vicente com idade compreendida entre os 15 á 45 anos. Os dados recolhidos foram analisados utilizando o método de análise de conteúdo.

3.1 Mulheres jovens empreendedoras em Cabo Verde

O empreendedorismo feminino em Cabo Verde é uma força crescente e vital na economia do país, com mulheres cada vez mais envolvidas em diversas atividades empreendedoras, desde pequenos negócios informais até empresas mais estruturadas. Impulsionadas tanto pela necessidade econômica quanto pelo desejo de independência e empoderamento, essas iniciativas refletem a

valorização da educação, solidariedade e resiliência da sociedade cabo-verdiana, criando negócios que não apenas geram renda, mas também atendem às necessidades de suas comunidades (

De acordo com Atarah et al. (2023), a emancipação feminina em contextos de restrição de recursos segue um percurso processual que se inicia com a identificação das motivações pessoais e culmina na criação e gestão de um negócio. Embora este modelo evidencie a importância do empreendedorismo como via de autonomia, os autores demonstram que tal processo é condicionado por fatores externos, como o ambiente sociocultural e familiar, e pela capacidade de mobilização de diferentes formas de capital, sendo o económico o mais determinante. Esta perspectiva contribui para clarificar as dinâmicas da emancipação através do empreendedorismo, mas também evidencia as limitações estruturais que condicionam a plena autonomia das mulheres em tais contextos.

Apesar dos avanços, as mulheres empreendedoras em Cabo Verde enfrentam uma série de desafios significativos. Uma das maiores dificuldades é o acesso limitado a crédito e financiamento, pois frequentemente têm menos garantias para oferecer e enfrentam discriminação no sistema bancário. Além disso, embora haja uma valorização da educação, muitas mulheres ainda carecem de acesso a formação específica em gestão e negócios, o que limita suas habilidades para expandir e gerenciar suas empresas de maneira eficaz (Banco de Cabo Verde, 2021).

Panda (2018), numa revisão de literatura, concluiu que mulheres em países em desenvolvimento enfrentam muitas das mesmas dificuldades encontradas por Atarah et al., nomeadamente discriminação de género, conflito entre vida profissional e familiar, difícil acesso a recursos financeiros, falta de formação e outras diferenças pessoais (como autoconfiança).

Em Etiópia, estudo de Alene (2020) mostra que determinantes como o nível de educação, experiência prévia, formação empresarial e acesso a financiamento explicam grande parte do desempenho de mulheres empreendedoras, fatores que se sobrepõem às etapas de mobilização de recursos e capacidades pessoais referidas por Atarah et al. (2023). Uma outra vertente de relevância, são encontrados nos estudos de Muhammad et al. (2023), ao abordarem sobre o empreendedorismo feminino e as influências culturais em Paquistão, e mostraram de forma clara como normas culturais e religiosas moldam as motivações e limitam opções, algo que ecoa a importância do ambiente externo e das normas culturais.

Ebewo, Schultz e Mmako (2025) exploram os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino na África do Sul, utilizando a Teoria Institucional como quadro analítico. Através de entrevistas qualitativas com nove mulheres empreendedoras, identificaram fatores facilitadores como mentoria, educação, políticas públicas de apoio, colaboração e programas governamentais, que fornecem as habilidades, redes e recursos necessários para o sucesso empresarial. Por outro lado, destacam barreiras como exclusão financeira, normas sociais restritivas e políticas públicas ineficazes, que limitam as oportunidades para as mulheres empreendedoras. O estudo enfatiza a importância de alinhar os fatores institucionais nos níveis regulatório, normativo e cultural-cognitivo para criar um ambiente mais inclusivo e apoiar as mulheres na superação de desafios socioeconómicos, como o desemprego e a pobreza.

Também o estudo *Towards Inclusive Entrepreneurship: Addressing Constraining and Contributing Factors for Women Entrepreneurs in South Africa*, dos autores Bignotti et al. (2025) revelam que, além das restrições financeiras, normas patriarcais, baixos níveis de educação, e suporte institucional fraco são barreiras centrais — mas realça, como Atarah et al., que existem *facilitadores* como redes de apoio, programas de formação e políticas públicas para mitigar essas barreiras.

Outro desafio importante é relacionado às responsabilidades familiares. Como por exemplo, no contexto cabo-verdiano, as mulheres muitas vezes carregam a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado com a família, o que pode restringir o tempo e a energia que podem dedicar aos seus negócios. Em algumas ilhas e áreas rurais, a falta de infraestrutura adequada, como transporte, energia e tecnologia, também dificulta a operação eficiente dos negócios. Adicionalmente, tradições e normas culturais em algumas comunidades desencorajam as mulheres de assumirem papéis de liderança ou de se aventurarem em atividades empresariais, especialmente em setores dominados por homens (Banco de Cabo Verde, 2021).

No entanto, o empreendedorismo feminino em Cabo Verde tem um enorme potencial. O setor turístico, por exemplo, oferece grandes oportunidades, com mulheres empreendendo em serviços de hospedagem, gastronomia, artesanato e turismo cultural. Com o avanço da tecnologia, surgem também novas oportunidades em negócios digitais e *startups*, onde as mulheres podem se destacar. Além disso, há um crescente apoio do governo e de organizações não governamentais para programas de capacitação, acesso ao crédito e políticas de inclusão, que podem ajudar a superar algumas das barreiras existentes (Governo de Cabo Verde, 2021).

Alkhaled e Berglund (2018) analisam como o empreendedorismo pode servir como um veículo de emancipação e *empowerment* feminino na Arábia Saudita e na Suécia. Os autores destacam que, apesar das diferenças culturais e legais entre os dois países, as mulheres conseguem, através da criação e gestão de negócios, aumentar a sua autonomia económica, desenvolver competências pessoais e reforçar a sua capacidade de decisão. O estudo evidencia ainda que o contexto sociocultural e as normas de género influenciam significativamente as oportunidades e os desafios enfrentados pelas empreendedoras, mostrando que a emancipação através do empreendedorismo depende tanto das motivações individuais como das estruturas sociais em que as mulheres estão inseridas (Alkhaled & Berglund, 2018).

Com o apoio adequado e a superação das barreiras existentes, o empreendedorismo feminino pode continuar a crescer e a contribuir de maneira significativa para a prosperidade e o bem-estar das comunidades cabo-verdianas.

3.2 Discussão e interpretação dos dados

Como já havia referido antes empreendedorismo feminino em Cabo Verde tem vindo a crescer de um modo significativo ao ponto de ser uma grande aposta para do desenvolvimento económico do país, sendo que as mulheres cabo-verdianas são impulsionadas pelo desejo de ter a sua independência financeira e seu empoderamento como mulher na sociedade criam os seus próprios negócios, que não apenas geram renda, mas que ao mesmo tempo vem de encontro com as necessidades da sociedade em geral.

Por esse motivo termos escolhido o tema em estudo que é o Empreendedorismo Feminino: Vetor de Emancipação para Mulheres Jovens em Cabo Verde mais concretamente na Ilha de São Vicente e por outro lado a intenção por parte da aluna um dia ser uma empreendedora no seu próprio país de origem.

Deste modo se formulou as seguintes questões:

- a) Que percepção tem as mulheres jovens empreendedoras sobre o conceito do empreendedorismo com base na condição de género?
- b) Saber o papel das políticas do fomento ao empreendedorismo feminino e o desenvolvimento socioeconómico?

A partir das perguntas apresentadas definiu-se os seguintes objetivos:

1. Analisar o conceito de empreendedorismo com base na condição de género, mulheres jovens empreendedoras;
2. Identificar o papel das políticas de fomento ao empreendedorismo feminino e o desenvolvimento socioeconómico local.

Para realizar a análise e discussão dos dados obtidos nas entrevistas, o primeiro passo foi a transcrição das mesmas. Em seguida, para facilitar a interpretação e simplificação dos dados, criamos categorias que melhor expressassem as falas e interpretações das empreendedoras em relação às perguntas.

Embora as respostas apresentassem variações, o objetivo comum permitiu que fossem agrupadas em categorias correspondentes, de acordo com a semelhança de conteúdo, nomeadamente:

1. Conceção do empreendedorismo

Essa categoria foi criada para abordar a compreensão das empreendedoras sobre o conceito de empreendedorismo. Ela busca explorar como as entrevistadas definem e percebem o empreendedorismo, o que reflete sua visão e entendimento da prática empreendedora em seu contexto. A conceção do empreendedorismo é fundamental para compreender as bases sobre as quais as empreendedoras constroem seus negócios e a mentalidade com a qual abordam o mercado.

2. A iniciativa e motivação na área do empreendedorismo

O propósito dessa categoria é capturar as razões que impulsionam as empreendedoras a iniciarem seus próprios negócios. Ela explora os fatores motivacionais, como a busca por independência financeira, o desejo de realização pessoal, ou a identificação de oportunidades no mercado. Essa categoria ajuda a entender as forças que levam as mulheres a se envolverem no empreendedorismo, que muitas vezes está ligado a fatores emocionais, sociais e econômicos.

3. Os obstáculos encontrados no negócio

Esta categoria foca nas dificuldades que as empreendedoras enfrentam ao longo de sua jornada empresarial. Ela foi criada para reunir as experiências relacionadas às barreiras comuns, como falta de acesso a crédito, escassez de matéria-prima e inovação para se manterem no mercado de forma competitiva. A compreensão desses obstáculos é essencial para mapear os desafios do ambiente de negócios e as soluções necessárias para superá-los.

4. Os desafios das mulheres empreendedoras em desenvolver o negócio

Ao contrário da categoria anterior, que se foca nos obstáculos gerais, esta categoria foi criada para destacar especificamente os desafios enfrentados pelas mulheres na fase de crescimento e desenvolvimento de seus negócios. Aqui, busca-se compreender as particularidades do desenvolvimento empresarial no contexto feminino, considerando questões como conciliação entre vida familiar e profissional, discriminação de gênero, e a dificuldade de obter apoio institucional.

5. Percepção e identificação das políticas de fomento ao empreendedorismo

Esta categoria trata da percepção das empreendedoras sobre as políticas públicas que visam apoiar o empreendedorismo. Ela foi criada para analisar se as entrevistadas estão cientes das iniciativas governamentais, programas de incentivo e suporte institucional disponíveis, e como avaliam a eficácia dessas políticas. Essa categoria é relevante para entender o impacto e a visibilidade das políticas de fomento no desenvolvimento dos negócios das entrevistadas.

6. As melhorias do empreendedorismo para o desenvolvimento socioeconômico de Cabo Verde

Esta categoria visa capturar a visão das empreendedoras sobre o papel do empreendedorismo no desenvolvimento socioeconômico de Cabo Verde. Ela foi criada para reunir percepções sobre como o empreendedorismo contribui para a criação de empregos, a inovação, e a dinamização da economia local, além de como o crescimento de negócios pode impactar positivamente a comunidade em geral.

Essas categorias foram pensadas para organizar de forma clara e lógica as respostas das empreendedoras, permitindo uma análise mais precisa dos diferentes aspectos relacionados ao empreendedorismo feminino no contexto de Cabo Verde.

No que se refere a primeira categoria, a maioria das empreendedoras, quando foram questionadas, sobre a concepção do empreendedorismo, no que se refere a questão de se consideram

empreendedoras, as respostas foram unânimes. Todas disseram que sim, visto que, são proprietárias dos seus próprios negócios, além de gerarem novas oportunidades de empregos.

Relativamente a área de atuação do empreendimento, observou-se que num universo de 16 empreendedoras, 10 Empreendedoras estão atuando nas áreas do comércio e a estética, uma vez que há um aumento da procura no mercado do país. As outras seis empreendedoras estão atuando no ramo das artes e a confeitaria, onde segundo as mesmas a procura é grande embora num meio pouco explorado no país.

Quanto as questões sobre a iniciativa e motivação na área do empreendedorismo, mencionada na segunda categoria, da questão nº2 das alíneas (b e d), houve uma divergência no que concerne as respostas. Cerca de quatro empreendedoras (Emp 1, 8, 9, 10,) realçaram que a sua motivação advém do intuito de obter maior liberdade, tendo em conta que, teriam uma maior independência financeira, preservando assim autonomia do mesmo perante as situações quotidianas. Por outro lado, três das empreendedoras (Emp 3, 12, 15) declararam que o fator essencial é devido as dificuldades financeiras decorrentes do desemprego. No entanto, uma das empreendedoras (Emp 2) referiu que se sentiu sem outra opção, por causa da pandemia Covid-19, que assolou o mundo, trazendo consigo uma elevada taxa a nível do desemprego. Os restantes (Emp 5, 7, 16,) afirmaram que a motivação que as impulsionou foi a concretização de um sonho de ter um negócio próprio.

No que respeita aos obstáculos e dificuldades enfrentados ao longo do percurso empreendedor, parte das entrevistadas (Emp 1, 4, 6, 11, 14) identificou a escassez de matéria-prima como o principal entrave, o que se repercute na dificuldade em uniformizar e estabelecer preços estáveis e equilibrados. Contudo, a maioria das empreendedoras (Emp 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16) salientou que as limitações financeiras e a reduzida disponibilidade de apoio ao financiamento dos projetos tiveram um impacto significativo na implementação das suas iniciativas, obrigando-as a “reinventar-se” para assegurar a continuidade das atividades. Foram ainda mencionados desafios relacionados com a inovação, a elevada concorrência no mercado e as dificuldades em manter e angariar novos clientes, face às instabilidades existentes. Apesar destas condicionantes, as participantes referiram não ter encontrado impedimentos à concretização do seu percurso empreendedor.

No que concerne à perceção e identificação das políticas de fomento ao empreendedorismo, a maioria das empreendedoras (Emp 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12) considera que o governo não tem investido de forma consistente em políticas de apoio e incentivo ao setor, o que gera impactos significativos no desenvolvimento do país. Segundo as participantes, existe uma maior ênfase na preparação de crianças e jovens para se integrarem no mercado de trabalho assalariado, em detrimento de uma formação orientada para a criação dos seus próprios negócios. Não obstante, foi igualmente referido que, nos últimos anos, se têm registado alguns avanços, nomeadamente na criação de políticas de apoio às empresas, no desenvolvimento de programas de microcrédito, na promoção de feiras de empreendedorismo e na realização de ações de formação.

Quanto a identificação das políticas de fomento ao empreendedorismo, duas empreendedoras (Emp1 e 8) acreditam que devem ser criadas mais oportunidades para investimentos. Cerca de quatro empreendedoras (Emp 3, 10, 13, 16), reforçam para uma maior formação e fomentar outras

medidas educativas em relação ao empreendedorismo desde muito cedo. Acrescentam, ainda, duas empreendedoras (Emp 2 e 4) na questão dos impostos que muito tem dificultado aos pequenos empreendedores, uma vez que sem financiamento e a inexperiência faz com que muitos pequenos empreendedores não avancem com suas empresas. No entanto, mais duas empreendedoras (Emp 8 e 14), apelam pela igualdade de empreender para os emigrantes, uma vez que há um deficit enorme nessa área. Por conseguinte, as restantes empreendedoras partilham a mesma opinião de que é preciso dar mais credibilidades aos jovens empreendedores.

Por fim, retrata-se as melhorias do empreendedorismo para o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde. Nessa sequencia, com exceção das quatro empreendedoras (Emp 5,7,12,13) a maioria concorda que, as políticas governamentais podem fomentar o empreendedorismo feminino, proporcionando uma maior facilitação de financiamento, uma vez que com novos empreendedores haverá mais oportunidades de autoemprego, mais dinamismo no mercado de trabalho, proporcionando consequentemente uma melhoria nas condições de vida, o que repercutirá no desenvolvimento socioeconómico local, trazendo mais e melhores oportunidades para o país.

Em suma, quando questionadas em relação ao empoderamento resultante em empreender as participantes, acrescentam que conseguiram ter uma maior liberdade e independência financeira. Este pressuposto tem como o foco um maior empoderamento aumentando, por conseguinte, a autonomia, pois as mesmas conseguiram alcançar os seus objetivos. Perante isso, as empreendedoras deixam um apelo de incentivo: “que sejam persistentes em alcançar os seus objetivos e nunca desistir dos seus sonhos”.

3.3 Análise crítica dos resultados

Diversos estudos demonstram que o empreendedorismo feminino pode funcionar como um importante vetor de emancipação e desenvolvimento social. Segundo Atarah et al. (2023), a emancipação via empreendedorismo segue um processo estruturado que inclui a perceção das motivações pessoais, a escolha da atividade económica, a mobilização de recursos e a criação e gestão do negócio. Fatores externos, como família, redes sociais, normas culturais e ambiente económico, influenciam significativamente esse percurso, reforçando que a emancipação depende da interação entre capacidades individuais e apoio institucional e comunitário. Panda (2018) complementa essa perspetiva ao identificar as restrições enfrentadas por mulheres empreendedoras em países em desenvolvimento, incluindo discriminação de género, dificuldade de acesso a financiamento, conflitos trabalho-família e falta de formação, mostrando que obstáculos estruturais e culturais ainda limitam o pleno potencial das empreendedoras.

Por outro lado, enfatiza que a aplicação de melhores práticas e ferramentas de integração de género em programas de promoção do empreendedorismo permite às mulheres não apenas desenvolver competências empresariais, mas também contribuir para a renda familiar, crescimento económico, redução do desemprego e promoção da igualdade de género. Alkhaled e Berglund (2018) corroboram essa visão, evidenciando que, mesmo em contextos restritivos como a Arábia Saudita,

o empreendedorismo possibilita autonomia pessoal e desenvolvimento de competências, embora a emancipação plena dependa da transformação de normas sociais e culturais.

No contexto de Cabo Verde, esses achados são particularmente relevantes. Estereótipos de gênero persistentes e expectativas culturais que pressionam as mulheres a desempenharem papéis tradicionais podem limitar o reconhecimento de mulheres como líderes de negócios, afetando sua confiança e o apoio da sociedade aos seus empreendimentos (Banco de Cabo Verde, 2021). Assim, combinar estratégias de capacitação individual, fortalecimento de redes de apoio, políticas institucionais inclusivas e sensibilização cultural pode transformar barreiras em oportunidades, permitindo que o empreendedorismo feminino funcione como vetor efetivo de emancipação e desenvolvimento para jovens mulheres cabo-verdianas. Considerando que o empreendedorismo se configura como um relevante tanto nas esferas nacionais quanto internacionais e se estabelece como um dos principais pilares para o desenvolvimento de uma nação, este estudo evidencia a dúbia natureza do empreendedorismo: por necessidade, em contraposição à vocação.

A partir da revisão da literatura existente, é possível identificar que o indivíduo classificado como empreendedor por necessidade é aquele que, ao longo de sua trajetória, não manifestou um interesse significativo pelo ato de empreender, mas que, em um determinado momento de sua vida, se viu compelido, em decorrência de situações específicas, a embarcar na jornada empreendedora (Sharma, 2018). Nesse contexto, constata-se que este tipo de empreendedor não oferece alternativas viáveis de ocupação e não é o ato de iniciar seu próprio negócio, configurando-se, assim, como uma luta pela própria sobrevivência.

Em contraposição, o empreendedorismo por vocação é caracterizado por indivíduos que, movidos por uma vocação intrínseca, demarcam uma determinação ímpar e uma abordagem prática voltada à transformação de ideias em empreendimentos frutíferos. Desta forma, quando um empreendedor identifica sua vocação de negócio, ou seja, opta pelo empreendedorismo entre as diversas opções disponíveis no mercado, tal escolha não se aplica ao perfil das empreendedoras apresentadas neste estudo.

Assim como Alkhaled e Berglund (2018) concluíram nos seus estudos que o empoderamento é entendido como a prática individual de alcançar liberdade dentro de estruturas institucionais, enquanto a emancipação é vista como o desejo de desafiar e mudar essas estruturas de poder para alcançar a liberdade coletiva. O estudo revela que, embora o empreendedorismo ofereça oportunidades de empoderamento individual, a verdadeira emancipação requer uma transformação mais profunda das estruturas sociais e culturais existentes.

A condução desta pesquisa possibilitou uma compreensão abrangente sobre o empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde, iluminando tanto os desafios enfrentados por essas empresárias quanto as oportunidades que se apresentam. No que tange à concepção do conceito de empreendedorismo, os participantes do estudo forneceram uma diversidade de respostas que se alinham à percepção delineada pela literatura. O empreendedorismo pode ser entendido não apenas como a criação de um negócio, mas também como uma plataforma para geração de emprego. Nesse contexto, pode-se afirmar que a iniciativa empreendedora representa uma tentativa de

estabelecer um negócio, bem como o desenvolvimento de uma autopoisição no mercado, promovendo explorar e ampliar as oportunidades que surgem

Os resultados desta pesquisa demonstram que a relevância do empreendedorismo para as mulheres em Cabo Verde tem crescido de forma substancial, apesar dos obstáculos enfrentados. Mesmo que operem em pequenos negócios, essa atividade representa uma mais-valia no que se refere à autonomia pessoal e à busca por independência financeira, considerando que a maioria das empreendedoras depende exclusivamente de seus empreendimentos como fonte de sustento para suas famílias.

Por meio desta pesquisa, conforme planejado no referencial teórico, podemos evidenciar os desafios associados à criação de um negócio, bem como as dificuldades financeiras implicadas nos projetos desenvolvidos. A criatividade e a inovação emergem como elementos cruciais para a implementação de empresas e para a sustentabilidade no mercado. Essa liberdade criativa é um dos motivos que atrai muitos indivíduos para o empreendedorismo (Drucker, 1985).

Nesse sentido, o empreendedorismo surge como um espaço propício para criatividade e inovação, permitindo que os empreendedores explorem novas abordagens para resolver problemas de maneira singular, bem como para criar produtos ou serviços inovadores que satisfaçam as demandas do mercado. As empreendedoras utilizam sua imaginação e criatividade como ferramentas fundamentais para garantir a sustentabilidade de seus negócios.

De acordo com os dados da pesquisa, os investimentos das empreendedoras se concentram predominantemente no setor terciário, incluindo estética e comércio, atuando na ilha. Em contrapartida, uma minoria delas indica o setor de confeitaria e as artes como outras áreas de atividade. Portanto, a iniciativa dessas empreendedoras, ao desenvolverem e implementarem as suas ideias, contribui significativamente para o desenvolvimento económico local, gerando oportunidades de emprego e conforto melhores condições de vida para as suas famílias, enquanto também impulsionam o progresso do país.

Quando questionados sobre as dificuldades em termos de concorrência e na aquisição de matérias-primas, os empreendedores consideraram que o ambiente de mercado é altamente competitivo e desafiador. Observa-se que tais dificuldades decorrem da escassez de matérias-primas e das disparidades nos preços, que não apresentam uniformidade em relação ao que é praticado. Além disso, outras barreiras foram apontadas, como as limitações no acesso ao crédito e o apoio governamental na criação de seus negócios.

Em contrapartida, conforme sugere o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2010), há o potencial de transformar o empreendedorismo por necessidade em empreendedorismo por vocação, dado que esta última modalidade é mais benéfica para a economia. Assim, é imperativo que as pessoas iniciem seus negócios com uma perspectiva inovadora, buscando oportunidades de empreendimentos lucrativos, ao invés de lutarem apenas pela subsistência, ou que não colaborem para o progresso do país.

Considerando o papel das políticas de incentivo ao empreendedorismo feminino e seu impacto no desenvolvimento socioeconômico local, a literatura indica que o governo tem promovido novas políticas de fomento ao empreendedorismo local. Em consonância com tais dados, as empreendedoras disseram que o governo tem implementado medidas externas ao incentivo do empreendedorismo socioeconômico local; contudo, enfatizamos que essas ações ainda são insuficientes e que é necessário um maior investimento nesse setor. Alguns deles enfatizaram a necessidade de “maiores oportunidades de investimento e investidores disponíveis, além de uma formação específica na área para os jovens e a diminuição da carga tributária”.

Neste contexto, as políticas governamentais têm o potencial de fomentar o empreendedorismo feminino, proporcionando mais oportunidades e facilidades de financiamento, além de garantir a estabilidade do mercado e a melhoria das condições de vida. As condições de responsabilidade propiciadas pelas políticas inovadoras, conforme demonstradas nas entrevistas realizadas, podem garantir um desenvolvimento socioeconômico sustentável para Cabo Verde, incluindo a redução do desemprego, a criação de novos postos de trabalho, e a ampliação das oportunidades de ocupação para os jovens, fomentando, assim, a capacitação e a autor.

Nesse sentido, o Governo de Cabo Verde (2021) reitera o seu compromisso com programas de capacitação, acesso ao crédito e políticas de inclusão, que podem contribuir para superar algumas das barreiras existentes.

Conclusões, Limitações e Futuras Linhas de Investigação

O assunto que abordamos nesta investigação sobre o empreendedorismo tem vindo a evoluir ao longo dos tempos, devido a sua complexidade. Conforme foi referido na fundamentação teórica existe vários conceitos que apontam o empreendedorismo como um fenómeno que contribui para do desenvolvimento da sociedade e a sustentabilidade do país. É preciso promover e a apoiar as mulheres empreendedoras incentivando-as cada vez mais na implementação de melhorias para os seus negócios, fomentando assim uma cultura empreendedora.

Do estudo de caso, constatamos, a unanimidade das entrevistadas em se considerarem empreendedoras é um aspeto positivo, refletindo uma forte identidade e um senso de pertencimento ao ambiente de negócios. Essa auto percepção é crucial, pois pode servir como uma base para o desenvolvimento de uma cultura empreendedora no país. No entanto, é fundamental investigar como essa identidade se traduz em acesso a recursos, como financiamento, redes de apoio e formação, que são essenciais para o crescimento sustentável dos negócios.

A análise das áreas de atuação revela que, entre as 16 empreendedoras, a maioria se concentra no comércio e na estética. Essa predominância sugere uma resposta direta à demanda do mercado, onde há um aumento visível de procura. No entanto, essa concentração também levanta questões sobre a diversificação das atividades empreendedoras.

A falta de variedade pode limitar o potencial de inovação e crescimento a longo prazo, criando um ambiente onde a concorrência se torna excessivamente intensa em setores saturados. Portanto, incentivar a exploração de nichos menos tradicionais, como o setor de artes e confeitaria, poderia não apenas diversificar o mercado, mas também promover a criatividade e a inovação entre as jovens empreendedoras.

No que se refere às motivações para o empreendedorismo, as respostas das empreendedoras revelam uma complexidade que vai além da simples busca por lucro. Enquanto algumas identificam a liberdade financeira como um motor para suas iniciativas, outras se veem forçadas a empreender devido a crises econômicas, como a pandemia de Covid-19. Essa realidade destaca um paradoxo: o empreendedorismo, que muitas vezes é romantizado como uma escolha libertadora, também pode ser uma resposta à falta de opções de emprego.

Esse fenômeno sugere que as políticas de apoio ao empreendedorismo devem não apenas incentivar a criação de empresas, mas também abordar questões estruturais que limitam as oportunidades de emprego em setores mais convencionais.

As dificuldades relatadas pelas empreendedoras, como a falta de matéria-prima e a escassez de financiamento, são barreiras significativas que afetam diretamente a viabilidade de seus negócios. A necessidade de "reinvenção" para superar esses obstáculos revela uma resiliência admirável, mas também indica uma fragilidade no ecossistema de negócios. As dificuldades em uniformizar preços e enfrentar a concorrência destacam a necessidade de um suporte mais robusto, que poderia incluir formação em gestão financeira e estratégias de marketing, capacitando as empreendedoras a se adaptarem a um mercado em constante mudança.

A percepção crítica das empreendedoras em relação às políticas de fomento ao empreendedorismo é um ponto crucial da dissertação. A maioria delas considera que o governo não está investindo adequadamente em políticas de apoio, o que reflete uma desconexão entre as iniciativas governamentais e as reais necessidades do setor. O reconhecimento de que a educação deve incluir a capacitação para criar empresas é uma proposta essencial. Para cultivar uma cultura empreendedora, é vital que as instituições educacionais não apenas preparem os jovens para o mercado de trabalho tradicional, mas também os incentivem a desenvolver suas próprias iniciativas. Programas de empreendedorismo nas escolas podem ajudar a mudar essa narrativa, criando uma geração mais inclinada a considerar o empreendedorismo como uma opção viável e desejável.

As propostas de melhoria apresentadas pelas empreendedoras, incluindo a criação de mais oportunidades de investimento e uma abordagem mais flexível em relação aos impostos, são fundamentais para facilitar o desenvolvimento de novos negócios. A ênfase na necessidade de um ecossistema mais inclusivo e acessível para emigrantes também aponta para a importância de

políticas que promovam a igualdade de oportunidades, reconhecendo que a diversidade de experiências pode enriquecer o ambiente empreendedor.

Por fim, a ligação entre o empreendedorismo e o desenvolvimento socioeconômico é um tema recorrente na dissertação. A maioria das empreendedoras concorda que políticas governamentais eficazes podem fomentar o empreendedorismo feminino, proporcionando mais facilidades no acesso ao financiamento. Essa relação é crucial, pois novos empreendedores não apenas criam empregos, mas também estimulam a economia local, contribuindo para uma melhoria nas condições de vida. Contudo, a implementação de políticas deve ser acompanhada por um acompanhamento contínuo e avaliação de sua eficácia, garantindo que as necessidades das empreendedoras sejam atendidas de forma dinâmica.

Em suma, a dissertação oferece um olhar crítico sobre o empreendedorismo feminino jovem em Cabo Verde, destacando tanto os desafios enfrentados quanto as oportunidades que se apresentam. É imperativo que as políticas públicas acompanhem essa realidade, garantindo que as empreendedoras não apenas sobrevivam, mas prosperem em um ambiente de negócios dinâmico e em constante evolução. O apelo das empreendedoras para a persistência e a luta por seus sonhos é inspirador, mas deve ser fundamentada por estruturas que possibilitem a realização dessas aspirações de maneira sustentável e inclusiva, assegurando assim um futuro mais promissor para o empreendedorismo feminino no país.

Limitações e Futuras Linhas de Investigação

No decorrer desta investigação foram encontradas algumas limitações a nível literário que dificultou o decorrente estudo, pelo facto de que o empreendedorismo ser um temática pouco explorado em Cabo Verde por não existir dados que concretizam o funcionamento deste fenómeno. De entre as várias limitações podemos destacar os seguintes:

- Falta de recurso das revisões literários no país de estudo;
- Informações insuficiente e atualizada da Instituição Nacional de Estatísticas (INE) sobre a realidade do país;
- Falta de registo junto das instituições da ilha, que permite o fornecimento de informações das empreendedoras cabo-verdianas credíveis e a ajustada a entidade local;
- Falte de mecanismo, junto as instituições para esclarecer as atividades económicas e o impacto a nível nacional do país;

Algumas futuras linhas de investigação, fomentará o desenvolvimento de novos projetos de estudo na área do empreendedorismo de carácter quantitativo com amostras maiores de modo a explorar as informações estatísticas das instituições locais e nacionais.

Sugerimos também outro estudo desenvolvido na ilha de São Vicente com uma análise do perfil das empreendedoras, mostrando o interesse por esclarecer algumas questões no que concerne sobre o empreendedorismo a volta do sucesso dos negócios.

Referências Bibliográficas

- African Development Bank Group (ADBG). (2022). Empowering women's businesses in transition contexts in africa. A guide to securing jobs and incomes for gender-transformative relief, recovery, and resilience interventions in transition contexts. Gender, Women, and Civil Society Department Transition States Coordination Office.
- Atarah, B. A., Finotto, V., Nolan, E., & van Stel, A. (2023). Entrepreneurship as emancipation: A process framework for female entrepreneurs in resource-constrained environments. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 30(4), 734–758. <https://doi.org/10.1108/JSBED-05-2022-0243>
- Alene, E. T. (2020). Determinants that influence the performance of women entrepreneurs in micro and small enterprises in Ethiopia. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 9(1), 24. <https://doi.org/10.1186/s13731-020-00132-6>
- African Development Bank Group. (2020). Plano estratégico nacional de Cabo Verde 2020-2024. <https://www.afdb.org/>
- Alkhaled, S., & Berglund, K. (2018). 'And now I'm free': Women's empowerment and emancipation through entrepreneurship in Saudi Arabia and Sweden. *Entrepreneurship & Regional Development*, 30(7–8), 877–900. <https://doi.org/10.1080/08985626.2018.1500645>
- Banco de Cabo Verde. (2021). Relatório anual de 2020. <https://www.bcv.cv/>
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo (70ª ed., Vol. 22, Nº 37). Edições 70. <http://books.google.com/books?id=AFpxPgAACAAJ>
- Bastida, M. (2021). Women's entrepreneurship and self-employment, including aspects of gendered Corporate Social Responsibility. Policy Department for Citizens' Rights and Constitutional Affairs Directorate-General for Internal Policies, PE 694.301
- Bignotti, A., Myres, K., & Muzindutsi, P. F. (2025). Towards inclusive entrepreneurship: Addressing constraining and contributing factors for women entrepreneurs in South Africa. *Administrative Sciences*, 15(1), 14. <https://doi.org/10.3390/admsci15010014>
- Bruni, A., Gherardi, S. & Poggio, B. (2004). Entrepreneur-mentality, gender and the study of Women Entrepreneurs. *Journal of Organizational Change Management*, 17(3): 256-268.
- Campos, M. (2024). Cabo Verde: dados, bandeira, mapa, cultura. Mundo Educação. <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/cabo-verde.htm>
- Capontes, C. M. (2012). Género e empreendedorismo em Portugal: estudo empírico com base nos dados do Global Entrepreneurship Monitor. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança]. Instituto Politécnico de Bragança.

- Carranza, E., Dhakal, C. & Love, I. (2018). Female entrepreneurs: How and why are they different? World Bank Group.
- Carvalho, J. E. N., Vanderlei, T. S. A. & Martins, G. de C. (2023). Os impactos do empreendedorismo no empoderamento feminino: Revisão sistemática. *Contemporânea – Contemporary Journal*, 3(11), 23784–23805. <https://doi.org/10.56083/RCV3N11-186>
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221–236. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37416210>
- Comissão das Comunidades Europeias. (2003). Recomendação da Comissão de 6 de Maio de 2003 relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas. *Jornal Oficial da União Europeia*, 6. <https://www.iapmei.pt/getattachment/PRODUTOS-E-SERVICOS/Qualificacao-Certificacao/Certificacao-PME/Recomendacao-da-Comissao-2003-361-CE.pdf.aspx>
- CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. (2025). Cabo Verde. <https://www.cplp.org/id-2976.aspx>
- Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed-methods approaches* (3ª ed.). SAGE Publications.
- Dinis, A. (2024). The impact of entrepreneurship education on students' desirability and intentions to pursue an entrepreneurial career: a study in general and vocational secondary schools . of Cabo Verde. *Journal of Innovation and Entrepreneurship* <https://doi.org/10.1186/s13731-024-00382-8>
- Drucker, P. F. (1987). *Innovation and entrepreneurship: Practice and Principles*. HarperCollins e-books..
- Eberhart, R., Aldrich, H. & Eisenhardt, K. (2022). *Entrepreneurialism and society: An introduction*. In *Entrepreneurialism and Society: New Theoretical Perspectives*, edited by R. N. E. In, M. Lounsbury, and H. E. Aldrich, 1–11. Vol. 81. Emerald Publishing Limited. DOI: 10.1108/S0733-558X20220000081001
- Ebewo, P. E., Schultz, C., & Mmako, M. M. (2025). Towards inclusive entrepreneurship: Addressing constraining and contributing factors for women entrepreneurs in South Africa. *Administrative Sciences*, 15(1), 14. <https://doi.org/10.3390/admsci15010014>
- Elam, A., Hughes, K., Guerrero, M. & Hill, S. (2021). Women's entrepreneurship 2020/21: Thriving through crisis. *Global Entrepreneurship Monitor*. GEM.
- Elam, A., Hughes, KD. & Samsami, M. (2024). *Global Entrepreneurship Monitor 2023/24 Women's Entrepreneurship Report*. Global Entrepreneurship Monitor. GEM.
- Elumelu, T. (2019). *Africapitalism: The path economic prosperity and social wealth. Rebuilding and rebranding Africa as a land of investment, innovation and entrepreneurship*. Tony Elumelu Foundation.

- Estudo CPLP Ares (2025). Cabo Verde. <https://estudo-ares.cplp.org/pa%C3%ADses/cabo-verde>.
- Expresso das Ilhas. (2024). Banco Jovem e Mulher irá facilitar e acelerar o acesso ao empreendedorismo – Primeiro-Ministro. Inforpress. <https://expressodasilhas.cv/economia/2024/06/20/banco-jovem-e-mulher-ira-facilitar-e-acelerar-o-acesso-ao-empreendedorismo-primeiro-ministro/92042>
- Feitosa, Y. S., & Albuquerque, J. da S. (2019). Evolução da mulher no mercado de trabalho. *Business Journal*, 1(1), 1–17. <https://doi.org/10.6008/CBPC2674-6433.2019.001.0005>
- Feng, J., Ahmad, Z. & Zheng, W. (2023) Factors influencing women’s entrepreneurial success: A multi-analytical approach. *Frontiers in Psychology*, 13, 1-15, <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.1099760>
- Freeman, C. (2014). Entrepreneurial Selves: An introduction. In *Entrepreneurial Selves: Neoliberal Respectability and the Making of a Caribbean Middle Class* (pp. 1–16). Duke University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11cw3sh.4>
- Garcia-Cabrera, A. Garcia-Soto, M.G. & Dias-Furtado, J. (2018). The individual’s perception of institutional environments and entrepreneurial motivation in developing economies: Evidence from Cape Verde. *South African Journal of Economic and Management Sciences*, 21(1), a2377. DOI: <https://doi.org/10.4102/sajems.v21i1.2377>
- Gerhardt, T., & Silveira, D. (2009). *Métodos de pesquisa* (1ª ed.).
- Governo de Cabo Verde. (2024). Estratégia da economia digital de Cabo Verde. Ministério da Economia Digital. <https://med.gov.cv/web/med/eedcv>
- Governo de Cabo Verde. (2021). Plano estratégico de desenvolvimento sustentável 2017-2021. <https://www.governo.cv/>
- Governo de Cabo Verde (2020). Programa de Governo e Moção de Confiança 2021-26. VIII Governo Constitucional, República de Cabo Verde. <https://www.governo.cv/governo/programa-do-governo/>
- Gulvira, A., Ainash, M., Sagynysh, M., Meiramgul, A. & Aliya, K. (2024). The Impact of Female Entrepreneurship on Economic Growth in Developing and Developed Economies. *ECONOMICS*, 12(2), 145-162. <https://doi.org/10.2478/eoik-2024-0016>
- Hill, S., Ionescu-Somers, A. & Coduras, A. (2025). *GEM 2024/2025 Global report: Entrepreneurship reality check*. Global Entrepreneurship Monitor. GEM.
- Hossain, Md. F., Misbauddin, S. M., Awal Hossen, M., Nabi, Md. N. U., Sakib, Md. N., Fahlevi, M., & Aziz, A. L. (2025). Women entrepreneurs for sustainable development: A systematic review of enablers and barriers in emerging economies. *Journal of the International Council for Small Business*, 1–31. <https://doi.org/10.1080/26437015.2025.2538192>
- ICIEG - Instituto Cabo-verdiano para a Igualdade e Equidade de Género. Ministério da Família, Inclusão e Desenvolvimento Social (2024). Relatório “Beijing +30”.

- IDEA – Innovation, Development and Entrepreneurship for All. (2023). IDEA Program Cabo Verde. <https://programs.bridgeforbillions.org/pt/idea-app-cape-verde-entrepreneurs/>
- ILO – International Labour Office. (2023). Creating a conducive environment for women's entrepreneurship development: Taking stock of ILO efforts and looking ahead in a changing world of work. International Labour Office.
- INE – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2020). Estatísticas das famílias e condições de vida: Inquérito multi-objectivo contínuo 2019.
- INE – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. (2021). Inquérito contínuo às empresas: Ano 2020. <https://ine.cv/>
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2025). *Relatório do Inquérito Multi-objectivo Contínuo (IMC) 2024 - Ambiente e Mudanças Climáticas*. INE. Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais
- Jonsson, P. (2017). On the term “entrepreneur” and the conceptualization of entrepreneurship in the literature of classical economics. *International Journal of English Linguistics*, 7(6), 16-29. DOI:10.5539/ijel.v7n6p16
- Kelley, D., Bosma, N. & Amorós, J. E. (2010). Global Entrepreneurship Monitor 2010 Global Report. Babson, Universidad del Desarrollo.
- Lopes, Jorge; Balsa, Carlos; Nunes, Alcina (2010)- É a imagem empresarial de Cabo Verde um espelho do seu potencial de desenvolvimento económico e social? *Economia Global e Gestão = Global Economics and Management Review*. ISSN 0873-7444. XV:1, p. 93-114
- Lubinski, C., & Tucker, H. K. (2025). Entrepreneurialism: conceptual exploration of an ideology. *Entrepreneurship & Regional Development*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/08985626.2025.2547038>
- Mazzucato, M. (2018). Mission-oriented innovation policies: challenges and opportunities. *Industrial and Corporate Change*, 27(5), 803-815. doi: 10.1093/icc/dty034.
- Muhammad, N., Ullah, F., Smith, R., Shabbir, M. S., & Zada, S. (2023). The influence of cultural constraints on entrepreneurial motivations: Exploring the experiences of Muslim women entrepreneurs in Pakistan. *Global Social Policy*, 23(3), 648–668. <https://doi.org/10.1177/14680181231221691>
- Minayo, M. C. de S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139–153. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>
- Ministério da Agricultura e Ambiente (2021). Plano Nacional de Adaptação de Cabo Verde. Direção Nacional do Ambiente, Praia. República de Cabo Verde.
- Ministério do Turismo e Transportes de Cabo Verde. (2021). Cabo Verde: Oportunidades de investimento. <https://www.visitcabo Verde.com/>

- Monteiro, C. (2019). Entrevista. Destaque ONU News Especial - secretário de Estado da Juventude de Cabo Verde. Fórum da Juventude da ONU. <https://news.un.org/pt/story/2019/04/1667941>
- Mozzato, A., & Grzybovski, D. (2011). Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. *Revista de Administração Contemporânea*, 15(4), 731–747. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000400012>
- Nevi, G., Ancillai, C., Pascucci, F., & Palladino, R. (2024). Investigating female entrepreneurship: A micro-perspective of drivers and barriers for aspiring and experienced women entrepreneurs. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 21(11), 6-28. <https://doi.org/10.1007/s11365-024-01012-1>
- OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development (2023). *Joining Forces for Gender Equality: What is Holding us Back?*, OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/67d48024-en>.
- OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development (2021). *Entrepreneurship Policies through a Gender Lens, OECD Studies on SMEs and Entrepreneurship*, OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/71c8f9c9-en>.
- Ogundana, O. (2022). Obstacles facing women-owned enterprises: a case for Sub-Sahara African women. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 18 (5/6), pp. 529-544.
- Ogundana, OM, Simba, A., Dana, LP, & Liguori, E. (2021). Empreendedorismo feminino em economias em desenvolvimento: um modelo de crescimento baseado em gênero. *Journal of Small Business Management*, 59 (sup1), S42–S72. <https://doi.org/10.1080/00472778.2021.1938098>
- Oliveira, V. E. (2011). Empreendedorismo em Cabo Verde: Necessidade ou oportunidade. Instituto Universitário de Lisboa.
- ONU – Organização das Nações Unidas. (2019). Para empoderar jovens, cabo Verde prioriza pessoas mais necessitadas e igualdade de género. *ONU News. Perspectiva Global Reportagens Humanas*, 11de abril, Cultura e educação. <https://news.un.org/pt/story/2019/04/1668031>
- Panda, S. (2018). Constraints faced by women entrepreneurs in developing countries: Review and ranking. *Gender in Management: An International Journal*, 33(4), 315–331. <https://doi.org/10.1108/GM-01-2017-0003>
- Proempresa. (2024). Mulheres empresárias em Cabo Verde recebem apoio para o crescimento e formalização dos seus negócios. <https://proempresa.cv/index.php/imprensa-2/noticias-blog/209-mulheres-empresarias-em-cabo-verde-recebem-apoio-para-o-crescimento-e-formalizacao-dos-seus-negocios>
- República de Cabo Verde. (2017). Plano nacional de desenvolvimento sustentável: Cabo Verde 2030. <https://www.governo.cv/>

- Ribeiro, S. (2021, 21 de novembro). Mulheres estão cada vez mais actuaentes no mundo dos negócios. Expresso das Ilhas. <https://expressodasilhas.cv/pais/2021/11/21/mulheres-estao-cada-vez-mais-actuaentes-no-mundo-dos-negocios/77588>
- Ribeiro, S. (2023, 25 de março). Inflação e burocracia desafiam jovens empresários. Expresso das Ilhas. <https://expressodasilhas.cv/pais/2023/03/25/inflacao-e-burocracia-desafiam-jovens-empresarios/85002>
- Ries, E. (2011). *The lean startup*. Crown Business.
- Rindova V., Barry D., & Ketchen D.J. (2009). Empreendedorismo como emancipação. *Academy of Management Review*, 34(3), 477–491. doi:10.5465/amr.2009.40632647
- Rizvi, S.A.A., Qureshi, M.A. & Ansari, J. (2024). Exploring the role of women entrepreneurial startups in shaping a sustainable future. *Discov Sustain* 5, 264. <https://doi.org/10.1007/s43621-024-00482-1>
- Santos, G., Marques. C.S. & Ferreira, J.J. (2018). A look back over the past 40 years of female entrepreneurship: mapping knowledge networks. *Scientometrics, Springer; Akadémiai Kiadó*, 115(2), 953-987.
- Santos, O. (2024, 21 de junho). Cabo Verde: Banco Jovem e Mulher para acelerar financiamento. RFI. <https://www.rfi.fr/pt/áfrica-lusófona/20240621-cabo-verde-banco-jovens-e-mulher-para-acelerar-financiamento>
- Sarmiento, E.M.; Silva, A.L. (2024). Cape Verde: Islands of Vulnerability or Resilience? A Transition from a MIRAB Model into a TOURAB One? *Tourism and Hospitality*. 2024, 5, 80–94. <https://doi.org/10.3390/tourhosp5010006>
- Schumpeter, J. A. (1997). *Teoria do desenvolvimento económico*. Trad. Maria Sílvia Possas. Coelção Os Economistas. Nova Cultural.
- Simba, A., Ogundana, O.M., Braune, E. & Dana, L-P. (2023). Community financing in entrepreneurship: A focus on women entrepreneurs in the developing world. *Journal of Business Research*, 11362, <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2023.113962>
- Siegrist, F. (2025). Supporting women entrepreneurs in developing countries: Whats works? Revisiting the Evidence Base. *Technical Report, Women Entrepreneurs Finance Initiative*. World Bank.
- Skorupa, J. & Stępień, S. (2024). *Young people's entrepreneurial attitudes to creating and running business*. Scientific papers of Silesian University of Technology. Organization and Management series n°. 193. <http://dx.doi.org/10.29119/1641-3466.2024.193.29>
- UNCTAD - UN Trade & Development. (2025). Promover o crescimento sustentável das exportações intra-africanas para as pequenas e médias empresas de Cabo Verde através da economia azul. UNCTAD/TCS/ALDC/INF/2025/1 (Executive summary). https://unctad.org/system/files/official-document/tcsaldcinf2025d1_summary_pt.pdf

- World Bank Group (2025a). Atualização económica de Cabo Verde 2025: Desbloquear o crescimento inclusivo através do reforço da resiliência e da igualdade de oportunidades. <https://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/publication/cabo-verde-economic-update-2025-unlocking-inclusive-growth-through-increased-resilience-and-equal-opportunities>
- World Bank Group (2025b). O Banco Mundial em Cabo Verde. <https://www.worldbank.org/pt/country/caboverde>
- World Bank Group (2025c). O Banco Mundial em Cabo Verde. Cabo Verde, aspectos gerais. <https://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/overview>
- World Bank Group (2024). Criando mercados em Cabo Verde. Um arquipélago de oportunidades: vias para promover o crescimento sustentável liderado pelo setor privado. <https://www.ifc.org/content/dam/ifc/doc/2024/cabo-verde-country-private-sector-diagnostic-pt.pdf>
- World Bank Group (2023). Gender-Responsive Tourism in Cabo Verde. Ensuring better, safe, and more jobs for women. The World Bank Group.
- Yin, R. K. (2016). Pesquisa qualitativa do início ao fim. Penso Editora.

Anexos

Anexo A Guião da Entrevista

Guião de Entrevista

Presada empreendedora,

Agradeço, desde já, a sua disponibilidade para esta entrevista. Asseguro-lhe que a sua contribuição se destina exclusivamente ao estudo que estou a realiza, sobre o empreendedorismo jovem feminino em Cabo Verde. Asseguro-lhe também que as suas respostas serão mantidas confidenciais.

1. Dados pessoais

a) Qual a sua idade?

15-20 ()

21-26 ()

27-32 ()

33-38 ()

39-44 ()

Acima dos 45 ()

b) Qual o seu estado Civil?

Solteira ()

Casada ()

Divorciada ()

c) Qual o seu grau de escolaridade?

Ensino básico ()

Ensino Secundário ()

Licenciatura ()

Mestrado ()

d) Local de residência? _____

e) Qual a composição do seu agregado familiar? _____

2. Dados socioeconómicos

a) Você se considera uma empreendedora?

Sim () Não ()

Se sim. Porquê?

b) O que o impulsionou a criar o seu próprio
negócio? _____

c) Em que ramo tem o seu negócio?

d) O que o motivou a investir nesse ramo?

e) Quais os obstáculos encontrados?

f) Quais os desafios?

g) Durante a sua trajetória sofreu alguma dificuldade por ser mulher?

Sim () Não ()

Se sim. Quais?

h) Na sua opinião, o governo está incentivando políticas de apoio/incentivo ao empreendedorismo?

Sim () Não ()

i) Se sim. Menciona algumas do teu conhecimento.

j) O que pode ser feito para melhorar o empreendedorismo em Cabo Verde?

k) Na sua opinião, as políticas governamentais podem fomentar o empreendedorismo feminino?

Sim () Não ()

l) Se sim, como isso afeta o desenvolvimento socioeconómico local?

m) Como o empreendedorismo pode afetar o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde?

n) O empreendedorismo trouxe empoderamento na sua vida, enquanto mulher?

Sim () Não ()

Se sim. Explique.

- o) Que mensagem de incentivo pode-se deixar para as mulheres que estão a iniciar os seus negócios?

Anexo B Tabela Recolha de dados

PERGUNTAS	RESPOSTAS															
	EMP1	EMP2	EMP3	EMP4	EMP5	EMP6	EMP7	EMP8	EMP9	EMP10	EMP11	EMP12	EMP13	EMP14	EMP15	EMP16
Você se considera uma empreendedora?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Se sim. Porquê	Tenho um pequeno negócio	Aproveito oportunidade Meu auto emprego	Gosto pela área Poucas oportunidades	Criei o meu próprio negócio	Vivo do meu negócio	Ministro o meu próprio negócio	Sempre atenta a novas oportunidades	—	Gero emprego para algumas pessoas	Gerador do próprio emprego	Criei o meu próprio negócio	Meu próprio negócio	Meu negócio	Minha própria empresa	Criei a minha empresa	Criei oportunidade de negócio
O que o impulsionou a criar o seu próprio negócio?	Maior liberdade financeira	Pandemia	Nível de escolaridade	Desemprego	Sonho de autoemprego Rendimento familiar	Crescimento Pessoal	Sonho de ter o próprio negócio	Liberdade financeira	Independência financeira	Ter o próprio dinheiro	Autonomia financeira	Desemprego	Ter o meu próprio emprego	Oportunidade na área	Falta de emprego	Prazer
Em que ramo tem o seu negócio	Artes	Entregas de cestas e mimos Personalizados	Comércio	Artesanato	Comércio	Confeitaria	Cosméticos	Cabelos	Beleza	Artesanato/ reciclagem	Beleza e estética	Confeitaria	Beleza	Cabeleireiro	Estética	Estética e Beleza

Quais os obstáculos encontrados?	Motivação, escassez de matéria-prima	Não tive	Vários	Falta de matéria-prima	Falta de financiamento	Pouca matéria-prima Meios financeiros	Financeiros	Documentação	Financiamento	Paciência	Financiamento Matérias-primas	Financiamento	Falta de financiamento Carência de materiais	Financiamento Carência de materiais Preços	Falta de espaço, burocracias	Financieira
Quais os desafios	Novas inovações principalmente na mídia	Matérias-primas	Financeiros	Conseguir manter os preços acessíveis perante oscilação de matérias-primas	Concorrência	Criatividade	Concorrência	Concorrência	Angariar novos clientes	Inovar	Concorrência. Manter os clientes Preços	Nova no mercado Ter sempre novidades Manter equilíbrio no preço	Ser uma empresa nova no mercado Concorrência Fidelizar os clientes	Ser novo no mercado Estar sempre atualizado Concorrência	Investimento inicial.	Conseguir a credibilidade do público
Durante a sua trajetória sofreu alguma dificuldade por ser mulher	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
Na sua opinião, o governo está apostando em políticas de	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim

apoio/inc entivo ao empreend edorismo																
Se sim. Mencion a pelo menos dois do teu conhecim ento	—	Feiras de empree ndedori smo Formaç ões	—	Microcré ditos a pequenos empreend edores	—	—	—	—	—	—	Proven do feiras Fornec er formas de financi amento	Apostar no empree ndedori smo jovem Feiras de empree ndedori smo Reduçã o dos impost os	Feiras de empree ndedori smo Formaç ões Crédito s	Feiras de empree ndedori smo Novas formas de financi amento Formaç ão	Pro mpres a, progra mas de micro crédito.	Enquad rument o REMP E e desenv olvime nto de progra mas de crédito Procred ito
Que melhorias podem ser feitas para melhorar o empreend edorismo em Cabo Verde	Maior es oportu nidade s de investi mento e investi dores dispon íveis	Acredit ar em pequen os empree ndedore s Menos imposto s	Mais formaç ões aos jovens	Isenção de impostos	Mais financia mentos Acredit ar em pequen os empree ndedore s	—	Apostar no empree ndedori smo jovem com mais recurso s	Melho res oportu nidade s a todos incli ndo aos emigr antes	Abert ura de novas empre sas	Investir em e educaç ão finance ira	Rever as política s de apoio ao empree ndedor Criar novos eventos	Gerar empreg o Melhor ar as condiçõ es de vida Gerar fluxo de mercado	Apostar mais nos Jovens empree ndedor es Rever as política s fiscais	Apostar no empree ndedori smo Jovem includo dos emigra ntes	Reduzir burocra cia.	Reforç ar as medida s educati vas em relação ao empree ndedori smo desde cedo Foment ar o auto empreg o

Na sua opinião, as políticas governamentais podem fomentar o empreendedorismo feminino	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim	Sim
Se sim, como isso afeta o desenvolvimento socioeconómico local	Mais empreendedores, Mais oportunidades de negócios	Novas oportunidades de autoemprego	Traz novas oportunidades as mulheres	Próprio rendimento Mais empregos	—	—	—	—	Facilidade de financiamento. Estabilidade de mercado	—	Melhorar as condições de vida Melhorar a situação do país	—	—	Mais postos de trabalho Melhorar as condições de vida Dinamismo no mercado	Sempre tem programa de crédito.	Gera empregos para outras pessoas
Como o empreendedorismo pode afetar o desenvolvimento socioeconómico de Cabo Verde?	Avanço económico	Diminuir o desemprego	Redução do desemprego	Impulsão no mercado interno Gera mais rendas	Só coisas boas para o país	—	Gera mais postos de trabalho Ocupação para os jovens	Positivamente	Novos postos de trabalho, diversificação da economia	Poderia ajudar	Reduzir desemprego Gerar fluxo de mercado Variedades de serviços	Gerar emprego Melhorar as condições de vida Gerar fluxo de	Diminuir o desemprego Gerar fluxo no mercado Variedades de	Redução do desemprego Diversificação do mercado Variedade	Criar posto de trabalho	Fomentar a capacitação, autorresponsabilidade e Comprometimento

												mercado	serviços	econômica		
O empreendedorismo trouxe empoderamento na sua vida, enquanto mulher?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Se sim. Explique.	Maior liberdade financeira	Independência financeira Autoestima	Mais empoderamento	Independência financeira	Independência financeira e sustento da família.	Mais conhecimento e autonomia	Desenvolvimento dos dons Alcançar os objetivos	—	Independência financeira Novos postos de trabalho	Independência financeira autônoma	Autonomia	Autonomia financeira Realizar novos sonhos Ajudar a família	Estabilidade financeira Aparecimento de novos projetos Ajudar a família	—	Independência econômica	Me permitiu me autocohecer
Que mensagem de incentivo pode-se deixar para as mulheres que estão a iniciar os seus negócios?	Nunca desistir	Acreditar em si Ser resiliente	Não desistir	Não desistir Resiliência na dificuldade	Aproveitem as oportunidades Não desistir	Conhecimento no negócio que quer investir	Autocofiança Não desistir dos sonhos	Siga em frente	Seguir em frente	Não desistir	Não desistir foco Ultrapassem as barreiras persistentemente	Não desistir dos seus sonhos Ser resiliente Ser persistente Ser humilde	Nunca desistir Ser resiliente Ser humilde Perseverança	Nunca desistir Ultrapassem os obstáculos Ser humilde Ser persistente	Não desista.	Acreditar que vai dar certo Sejam ousadas

